

ASSIGNATURAS		
ANNO	20\$000	
SEMESTRE	12\$000	
Numero avulso, 500 rs.		

OS ANNAES

ESCRITORIO
RUA 1ª DE MARÇO, 28.
OFFICINAS
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Servido por um solido cultivo intellectual, o sr. presidente da Republica, além de homem honesto, qualidade que, para nossa vergonha, está ficando preciosa e rara, deve ser, como se diz em linguagem pittoresca — um homem escovado, muito ladino em coisas e manhas de todos os ramos da administração civica.

S. ex. ganhou, em memoraveis campanhas incruentas, as suas espóras de ouro; não foi armado estadista do pé para a mão; não foi um improvisado da ordem dos aventureiros, que a politicagem republicana tem inventado, como se inventam manequins para as roupas de amostra, bemaventurados instantaneos, nos quaes o sopro creador e fecundo de um *leader*, o carinhoso affecto de um padrinho prestigioso inoculam, magicamente, a sagrada flamma do genio, com aptidões especiaes para tudo, para os mais subalternos, como para os mais eminentes deveres do funcionalismo.

Conta-se que o Marechal de Ferro, incumbindo um ministro do sacrificio de accumular outra pasta, a dos negocios exteriores, elle se excusou á honraria dessa dupla confiança, confessando, sinceramente, não entender daquelle riscado do direito internacional e diplomacia.

— Não faz mal — replicou o Marechal — O senhor nada entende da outra parte que lhe arrumei nos hombros.

O estadista enfeitado obedeceu, e verificou que isso de capacidade tecnica, de preparo especial era uma burla, e que, vigoroso e forte como era, poderia carregar, sem esforço, uma carga de pastas.

O honrado chefe da nação não surgiu, de repente, do imprevisto, de um lance feliz da sorte caprichosa; fez-se estadista, atravessando o longo tirocinio de um curso completo, padecen-

do uma torturante aprendizagem em que deve ter colhido thesoiros de experiencia, para exercer, com vantagem, a arte de pastor de povos, deste humillimo rebanho brasileiro, em bôa hora confiado ás suas amestradas mãos.

Dizem as biographias que s. ex. foi advogado e jornalista. No fôro e na imprensa, faiscaram os primeiros lampejos do seu talento de primor; mas, ou por desillusão dos seus generosos esforços, ou por não se adaptar ao seu temperamento tranquillo, a agitação daquellas arenas de combate, dedicou-se ao pacato mistér de vereador da camara municipal de Guaratinguetá, sendo, depois, promotor publico da comarca, juiz municipal e juiz de orphãos do termo.

Nessa magistratura, foi colhido pela politica, e, durante quatro annos, figurou, com brilho, na Assembléa provincial de S. Paulo; foi seu presidente e o representou como deputado á Assembléa geral do Imperio.

A Republica o encontrou conselheiro; isto é: homem feito, de merecimentos reconhecidos e galardoados com essa mercê honorifica.

A revolução de 15 de novembro não empallideceu o brilho da sua estrella. S. ex. adheriu, convictamente, ao facto consumado, e continuou a sua carreira como deputado á Constituinte; foi ministro da fazenda dos presidentes Floriano Peixoto e Prudente de Moraes, senador da Republica, presidente de S. Paulo, donde saíu para a suprema magistratura nacional, nomeado por uma convenção que teve a honra insigne de ser presidida pelo paternal sr. Accioly, a mais genuina, a mais viva e a mais forte personificação da politica dos governadores.

Dessa rapida resenha, resalta que s. ex. percorreu todos os escaninhos da vida publica, exercendo as mais altas e as mais nobres funcções da vida civil, faltando-lhe, sómente, uma

digressão edificante pela vida ecclesiastica. As biographias, de resto, muito magras para personagem de tão subido valor, não nos dizem se fez alguma estação instructiva pelos dominios piedosos da egreja, como seminarista ou, ao menos, como sachristão de Guaratinguetá, accidente muito vulgar naquelles tempos de devoção, nos quaes toda a gente sabia ajudar a missa.

E' admiravel que um homem, após tamanho e tão variado percurso pelas agrúras e pelas delicias da vida publica, não tenha chegado ao fastigio, fatigado de servir á patria; irritado contra a perversidade dos homens que governou, desilludido pelo prolongado contacto com as miserias, as fraquezas humanas, atormentado pelo sorumbatico demonio da desconfiança, que sempre foi pessimo inspirador dos estadistas.

E' admiravel, mas é irrefragavel verdade: s. ex. chegou á presidencia da Republica, calmo e pacato, sem azedumes, sem dyspepsias, sem estropiacões da longa jornada, tão despreocupado e tão singelo, como nos doirados dias da juventude, quando escrevia libellos para a imprensa ou para a promotoria publica de Guaratinguetá.

Um cidadão, assim aparelhado para a direcção da náu do Estado, não se póde abrigar nas desculpas da inexperiencia, nos candidos refólhos da bôa fé ingenua, quando fizer vista grossa aos factos, aos erros, aos abusos dos agentes do poder publico, nem encontrará justificação para a tolerancia de crimes como esses que estão cerceando as mais robustas fibras da organização republicana.

Applaudimos todos, com as mãos cheias de palmas auspiciosas e com o coração desbordante de votos e de esperanças, a plataforma politica da actual presidencia, um compendio de melhoramentos materiaes e moraes, que vinham de molde ás aspirações nacionaes; vemos, entretanto, com

funda magua, que o honrado estadista apprehendeu com vehemencia obras de reconstrucção do porto, está rasgando avenidas, mas olvidou a parte essencial do programma — o saneamento moral— que era a mais ardente aspiração dos seus governados, opprimidos pela barbara politica dos governadores.

Os vexames do fisco estadual attingiram a proporções tão escandalosas que o Congresso decretou meios de repressão a esse trafico; as eleições chegaram a tão baixo gráu de pouca vergonha e tamanhos clamores suscitava a defraudação da representação da vontade popular, que foi indispensavel reformar o regimen. E essas duas leis, embóra defficientes, alentaram, com ephemero vigor, as esperanças desfallecidas dos parias, que constituem a grande maioria da nação; mas, não tardou a desillusão: uma e outra estão sendo formalmente desobedecidas pelos satrapas dos Estados, como os de Minas e do Ceará, que mantêm as suas alfandegas para asphyxiarem o intercambio nacional, e por toda a parte estão apparecendo as gazúas, prophetisadas pelo general Glycerio, para abrirem portas, que a lei trancará com fechaduras novas, á invasão da fraude. E o proprio Estado de S. Paulo, o viveiro de presidentes da Republica, refuga o cumprimento da lei, como unconstitutional.

No Ceará, que é um feudo dos Acciols, os maiores contribuintes do imposto de industrias e profissões são seis banqueiros do jogo do bicho, parceiros habituaes do presidente do Estado, palpiteiro de marca maior, muito caroavel a esse genero de *sport*.

Por toda a parte, está sendo defraudada pelos detentores do poder a organização das juntas incumbidas de reformar as qualificações, abrindo portas beneficas aos cidadãos, havia muito, privados desse sagrado direito.

Ora, se um dos deveres capitaes da suprema magistratura republicana é velar pela fiel execução das leis; se não se póde admittir que s. ex. não perceba os factos, tão escandalosos que superam a mais grave myopia, não ha justificação para essa calma olympica, para a inacção do governo, cego e surdo aos clamores, aos protestos, ás exortações patrioticas que se quebram

entes lamurias de opposições desesperadas.

S. ex. mette num sacco os seus principios, as suas idéas, o seu programma: olvida o cumprimento do dever civico para se curvar, submisso, ás conveniencias da politicagem, inimiga das livres manifestações da soberania, ás patranhas forgicadas para assegurar a victoria da prepotente politica dos governadores, neste momento, arbitro da renovação da Camara dos deputados e do successo das candidaturas presidenciaes.

S. ex., por ser um cidadão de aspirações satisfeitas, prendado com todos os divinos dons da fortuna e rico de experiencia, deveria manter nitida isenção de animo para cumprir o dever substancial, que lhe impõe a intervenção para disciplinar os governadores rebeldes á lei, governadores revolucionarios, cujos excessos poderão provocar represalias violentas.

Um governo fóra da lei é um governo sem prestigio para manter a obediencia dos governados, e justifica a revolução como um direito das victimas da tyrannia — velha phrase muito expressiva e verdadeira.

Nós, que amamos a ordem e somos amigos do illustre cidadão presidente da Republica, pensamos que está, exclusivamente, nas suas mãos evitar essa calamidade, asphyxiar os fermentos, que se estão, de novo, exacerbando com secreta impetuosidade, os fermentos maleficos do desespero.

Não lhe custará muito o incommodo de satisfazer as aspirações nacionaes, reganhando, em farto quinhão de gloria e benemerencia, o muito que a preguiça dos felizes lhe tem tirado.

E' indispensavel que s. ex. deixe da sua passagem na cadeira, que soube manter com denodo, um luminoso traço de justiça indefectivel, para que não diga a posteridade: foi simplesmente, pacatamente, uma pessoa honrada e... nada mais.

POJUCAN.

O SENTIMENTO TRAGICO NO SEculo XIX

§ 2º

Ao choque soffrido pela Europa, *ex vi* do cataclysmo de 1793, accresceu, como se viu, o resultado produ-

estudos, apaixonando, a principio, sómente aos que se dedicavam á sciencia, não tardaram a interessar aos artistas, maximé na parte que dizia respeito á biologia. A analyse da nevrose foi um successo. A contiguidade da loucura e do genio gerou theorias abstrusas. Houve escriptores que se exaltaram e até physiologistas, como Lombroso, que pretenderam dar a fórmula da arte por processo semelhante ao que empiricos empregavam no diagnostico de molestias cerebraes.

Foi, então, que os physiologistas tomaram de assalto a critica litteraria. Do mesmo modo que Augusto Comte tentára reduzir a psychologia a um magro capitulo da sua biologia, esses criticos emprehenderam reduzir a sciencia de Lougino a um rées prolongamento da clinica de maniconios.

Desde os trabalhos do dr. Onimus até á *Degenerescencia*, de Max Nordau, encontram-se milhares de ensaios, nos quaes se aventuram as mais arbitrarías theorias, a pretexto de explicar a obra do talento artistico.

E' bem de ver que o genio de Shakespeare não devia escapar a essa invasão de barbaros no terreno do gosto e da delicadeza artistica.

O auctor do *Hamlet* foi frequentemente chamado á barra, ora por ser elle mesmo um caso digno de autopsia, ora porque tivesse, em alguns de seus personagens, traduzido, com uma sabedoria, nunca vista, nem sonhada, os casos mais estupendos da psychiatria, sciencia cujo nome não existia sequer na éra de Bacon e Elisabeth.

No meio dessas insolitas pretensões, viram-se os criticos profissionaes tão abarbados que tiveram necessidade de crear a expressão *fin do seculo*, para furtaram-se a explicações, que teriam de abranger a parte *cahotica* da litteratura contemporanea. E como essa parte cahotica era justamente a que mais impressionava o publico paraziense; como as suas succursaes, nas cinco partidas do mundo, onde os livreiros expõem nas vitrines dos respectivos estabelecimentos, as brochuras francezas precintadas do aperitivo *vient de paraitre*, disputavam a leitura dos artigos do *Figaro* e das revistas *art nouveau*, não foi difficil a má fé de alguns criticos-scientistas pôr essa producção cahotica á conta de uma especie de loucura generalisada.

O citado Max Nordau foi um dos que, melhor e com mais exito, exploraram tão obscuras regiões. Judeu, medico, materialista, tirando do fundo da raça uma força de proselytismo e um talento de imprecação que lembra os antigos prophetas d'Israel, esse homem de letras, ensaiando-se na critica, não custou a mostrar, através dosapparelhos scientificos, que menos mal maneja, as qualidades ancestraes do seu

Não o acompanharei nos seus trabalhos de astúcia, nem nas ciladas, que arma aos leitores, para fazel-os acreditar na degenerescencia de certos auctores contemporaneos de genio, que elle confunde com a turba amorpha e descabellada *fin de seculo*.

Basta abrir o seu livro *Degenerescencia*, no capitulo que trata do diagnostico dos degenerados litterarios, para verificar a habilidade com que esse critico emprega o methodo physiologico no intuito de confundir a grande emotividade do seculo XIX, traduzida pelos seus verdadeiros artistas, com a miseria intellectual ou affectiva da multidão ignara dos calibans da poesia, ou da litteratura.

Max Nordau começa a sua diatribe, tomando por ponto de partida a definição do que seja degenerescencia da especie humana, dada por Morel — «o desvio doentio de um typo primitivo». Não se pôde conceber um quadro mais vasto do que o que offerece tal definição, e mais adequado a um romance de critica physiologica. E porque, como ensina Charcot, «les nerveux. les hystériques se recherchent», o critico psychiatria escreve uma porção de paginas do seu livro, provando o estado doentio de poetas e escriptores, que não passariam de simples vadios ou desoccupados para o bom senso que elle tanto preconisa.

«Um phenomeno, diz elle, caracteriza ainda, em subido gráu, a degenerescencia de uns e a hysteria de outros: — é a formação de grupos ou de escolas determinadas pelo isolamento e intratabilidade com as escolas vizinhas, observada actualmente na arte e na litteratura.» (1)

Desta maneira, esquece o critico, para carregar a mão unicamente na ordem litteraria, a generalidade desse phenomeno, que, em Pariz, como em Londres, como em Berlim, como em New York, se produz em outros generos de actividade, sem que o senso commum permitta que alguém o attribúa a uma causa morbida. Que diria Max Nordau das rivalidades das sociedades do remo, ou de patinadores, principalmente na Hollanda, dos clubs terpsichoreanos? e, para não enumerar outros acanhados agrupamentos, que juizo faria do bairrismo das aldeias, onde se deve presumir a existencia de condições de primeira ordem para a expressão da vida?

«A differença gera o odio», disse-o, á saciedade, o arguto Sthendal. Não vamos, pois, adeante deste conceito, nem do da lei de sociabilidade, para explicar o facto mais natural da vida humana.

O auctor do livro *Degenerescencia*, pois, perdeu o seu diagnostico, pelo menos no que toca a este syndroma episodico; tanto mais quanto, poucas linhas adeante, ás «capellas de malu-

cos» elle contrapõe, como typos de saúde litteraria, os artistas personallissimos, solitarios tambem, não prevendo que adeante terá necessidade de transformar essa tendencia em enfermidade para condemnar o poeta da *Casa de Boneca*.

Facile credimus quod volumus. A epilepsia larvada tornou-se moda. Da mesma maneira que Bossuet explicava a marcha dos povos pelos designios da Providencia, agóra os criticos procuram no *mal sagrado* ou *comicial*, a razão de tudo quanto é extraordinario em historia e litteratura. De degráu em degráu, por este caminho, não seria difficil, em tempo proximo, transformar a epilepsia larvada no proprio phenomeno da intelligencia, da sensibilidade e da vontade. Nem os vegetaes della escapariam. Imunes, só os mineraes; e, ainda assim, duvidosamente, attentas as convulsões produzidas nas entranhas da terra pela electricidade.

Nada disto, porém, relaciona-se com a emotividade desenvolvida, durante o seculo XIX, no mundo artistico, pelo poder da sciencia. Quanto mais consciente o homem se torna, maior se manifesta a sua sensibilidade e, portanto, a sua capacidade artistica.

Ora, pelo exame das produções litterarias, que successivamente appareceram a contar do periodo elisabethano, constata-se que aquella emotividade encontrou cultores especiaes, ordinariamente inspirados pela assidua leitura de Shakespeare.

Nos primeiros annos do seculo XIX, na propria Inglaterra, sobresáem Coleridge, Shelley e Thomaz de Quincey, auctores pouco irradiantes, mas em que a emotividade shakespeareana se traduz, eloquentemente, na acuidade das sensações artisticas e na tendencia permanente para converter as emoções compactas do homem vulgar em emoções penetrantes, — no pavor das coisas humanas.

A vida intensa era justamente o circulo em que pulsava a imaginação desses escriptores; e só ella podia ter tornado intelligiveis os processos de expressão do grande tragico. O mysterio scientifico, substitindo o sobrenatural da Idade-Média encontrava uma esthetica, e a fórmula de interpretação do mundo, segundo Shakespeare, coincidia com a visão da vida moderna.

O tom da poesia e do drama moderno afinou-se pelos contrabaixos da tragedia. Surgiu o sentimento agudo do sublime; propagou-se a sensação saturnina das coisas triviaes da vida, cuja representação, na obra d'arte, se tornou solemne por aspectos essenciaes.

(Continúa.)

ARARIPE JUNIOR.

(1) Max Nordau, *Dégénérescence*, I, 54. Trad. Dietrich; Pariz, 1894.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

«DO PRIMEIRO CHACO» AO «ESTABELECIMENTO»

Muito tempo depois de estarmos no Chaco, chegou o coronel Gurjão com um batalhão mais e alguns canhões, com o Girard. A vida tornou-se mais agradável. Reunimos-nos no rancho do commandante, jogovamos ao *amigo* e decifravamos charadas tiburcianas, das quaes a primeira foi:—*Avistei uma rã de sentinella -1-2*. Passámos, assim, alegremente ouvindo as pilherias apimentadas do Tamborim e as chacótas de outros amigos. O coronel Gurjão, apesar de coronel, fazia tambem o seu pé de alferes, porque era um homem bom e estimavel. Eu tinha, entretanto, a nostalgia do grande exercito. Tinha saudades daquella cidade immensa de casinhas brancas, daquelles esplendidos exercicios de brigada, das alvoradas tocadas pelas bandas de dezenas de batalhões, do commercio com os seus bilhares, cabellereiros, photographos, restaurants, cassinos, lojas de modas e armazens sortidos com o que havia de melhor e mais fino.

Não perdi, para ver tudo aquillo, a primeira occasião que se me deparou. O Geraldo, nosso alferes quartel-mestre, era um pouco entrado em annos e meio commodista. Gostava de passar bem. Os quartéis-mestres, não sei porque, passavam sempre melhor do nós. Sabia preparar moquécas e vatapás e um sem numero de quitutes da Bahía, nossa terra; isso o tornou muito popular entre os officiaes de marinha, que lhe davam os ingredientes necessarios, e jantavam sempre com elle. Fallou-se na ida do Geraldo ao exercito para receber o nosso soldo e o *prêt* das praças, já meio atrasados. Foi uma desolação, principalmente para os convivas do amavel amphitrião. Que fazer? A viagem, além de incommoda, offerecia alguns riscos, que aliás pouco valiam para elle. O unico caminho era o dos comboios, entre Tuyuty e Tuyucué, que mais de uma vez fôram atacados.

O Geraldo dava-se muito commigo, e pediu-me para ir em seu lugar. Que fortuna! Aceitei com prazer, e offereci-me logo para ir de outras vezes. O exercito, para nós do Chaco, era assim como a Côte para um cidadão atirado nos fundos de Goyaz. Naquelle tempo, os perigos não eram factores importantes das nossas accções. Era raro quem os levava em conta.

Recebi as ordens do commandante; do Geraldo, as folha se os *prêts*, e parti, a pé, para o *Porto Quiá*, tendo por companheiros a minha espada, sempre fiel, inseparavel e bôa amiga e um revolver Lafoucheux, em cuja lealdade, confiava muito menos. Em Tuyuty, tomei a um amigo um bom cavallo e

parti, a trote e a galope, para o Tuyucû.

Fiz essa viagem diversas vezes, sempre só. Um dia, encontrei na estrada, quasi sempre êrma e solitaria, forças em marcha. Havia trechos dentro da matta, outros costeando capões, cruzando banhados e pequenos campestres. Quando voltava do Tuyucû, trazia a larga *guaiaca* cheia de libras esterlinas, doze contos e mais, bem unida ao corpo, debaixo da camisa; pezava muito, mas eu era forte. Uma vez, demorei-me demais. Ao pôr do sol, Tuyuty ainda estava longe. A hora do crepusculo vespertino é a hora da tristeza e da saudade, e eu scismava. O cavallo passou do trote ao passo, e as rédeas pendiam, frouxas. Passou rapida pela minha frente, uma grande sombra. O cavallo assustou-se e deu um *prisco* para o lado. Andei pela *carona*. Quasi fui ao chão. Era um urubú atrazado, que voltava ao poleiro na matta sombria. Caí em mim. Cada arvore do caminho poderia occultar um inimigo. Elles andavam sempre por alli. Passou-me pelo espirito, a idéa de um encontro. O cavallo era bom; mas, si o matassem ou boleassem, eu estaria perdido. Podiam matar-me ou fazer-me prisioneiro. Antes morrer. Os prisioneiros de Lopez soffriam tanto como os christãos no tempo de Nero, ou mais talvez, porque muitos não tinham a fé, que conforta. Havia uma hypothese ainda peor: si me levassem o dinheiro e me deixassem vivo a cavallo? Era inverosimil. Pendurei a espada no gancho do talim; ajustei as rédeas e cerrei pernas ao rozilho, que voou por aquelle caminho de areias e aguas até ás nossas primeiras vedêtas, que nos receberam a tiros. Gritei — Camarada — e passei ao trote. Jurei a mim mesmo nunca mais saír tarde do Tuyucû.

Havia quasi seis mezes que estavamos no Chaco, numa vida ingloria, tornando-se enfadonha, emquanto os nossos camaradas se batiam no Tuyuty a 3 de novembro sob as ordens de Porto Alegre, que entrava em combate de chapéu armado, farda bordada e commendas ao peito, expondo-se, como o mais temerario dos seus soldados, em Potreiro Ovelha, Pilar, Tayi e outros logares, onde as nossas armas se enfeitaram de loiros. Em meados de fevereiro, o Dezeseis recebeu ordem de recolher-se ao Exercito. Foi um dia de festa para o batalhão. Partimos logo e chegámos a 17 a Tuyucû. O Paraguay enchia a olhos vistos e, depois da nossa partida, as lanchas a vapor navegavam sobre as cristas dos parapeitos de nosso reducto.

O batalhão aproveitára o tempo do Chaco para instruir-se e nenhum, em todo o exercito, lhe levava vantagem na disciplina e na bravura. Quando fazia marchas longas, dava gosto vel-o.

Os pelotões marchavam alinhados, os officiaes e inferiores nos seus postos. Os soldados descalços ou de alpercatas, com as calças arregaçadas até aos joelhos, mostrando as pernas musculosas, os botões, a chapa do cinturão e todos os amarellos brilhando como ouro, a mochila alta e bem emmalada, com a *roupa da ordem* sem faltar uma peça, engommada á garrafa, por cima a barraca, os páus atravessados e, ás vezes, dominando tudo a gaiola do papagaio fallador, o calderãozinho da *boia* e a chaleira da sua *china*, a forte amiga companheira de sua vida, que o acompanhava desde os confins dos sertões da Bahia, dando-lhe herdeiros para a sua pobreza e para as suas glorias, tão grandes e tão puras como as outras, que elle mesmo ignorava. O sabre cortava como uma navalha e podia olhar-se por gosto para a alma reluzente da *Minié*, que conservava fechada por um tarugo de latão brilhante.

Quando faziamos alto para acampar, o ajudante, ainda montado, ia da 1.^a á 8.^a companhia, e perguntava a cada 1.^o sargento: *Quem falta?* e cada um, invariavelmente, respondia: *Ninguem*. Os soldados do batalhão do Tiburcio não ficavam para trás. Eu tinha immenso orgulho de pertencer a elle e, ainda hoje, depois de velho, desvanço-me mais de ter sido seu ajudante do que ministro de Estado. Na noite de 18 de fevereiro, ás 8 horas, entrámos em fórma, escoteiros, á *meia marcha*, de bernal, cantil e capote a tiracollo. O abarracamento ficou armado. Nenhum de nós sabia para onde ia.

Fizemos brigada com o 15.^o e o 31.^o, commandada pelo coronel Barros Falcão, velho soldado, bom e bravo. Os trez batalhões formaram em columna de marcha, pela ordem de numeração:

O 15.^o, mais conhecido por *Batalhão de atiradores*, ia na testa, commandado pelo Meyer, o nosso estimado instructor de *tíge* da Escola Militar. Estava armado com espingardas de agulha, das mesmas que deram aos prussianos as suas estupendas victorias, e fôra constituido por praças escolhidas dos outros corpos. O meu Dezeseis marchava no centro. Fazia a rectaguarda o 31.^o de Voluntarios ou *Corpo de Permanentes da Côte*, commandado pelo distincto tenente-coronel Assumpção.

Na vespera, tinham chegado do Rio, e fôram apresentados ao batalhão, os dous irmãos o 2.^o sargento Arthur Oscar e o furriel Carlos Eugenio, que vinham iniciar as suas armas. Fôram incluídos na 7.^a companhia, cujo commandante era o Castello Branco, e eu um dos subalternos. O outro 2.^o sargento era o Noya. Nesse tempo, eu não era ainda ajudante. A noite estava bastante escura. Rompemos a marcha, cheios de ardor. Todos nós perguntavamos: — aonde vamos? A principio, chalreava-se, fumava-se e, de vez em

quando, ouvia-se uma risada *gostosa*. Marchavamos á vontade. Passámos as nossas ultimas vedêtas. Era preciso cuidado, entravamos em territorio suspeito. A columna fez alto. Correu pelas fileiras a ordem de não fumar, não fallar e marchar em absoluto silencio. Continuámos e já não se percebia o tropel daquelles mil homens. Dir-se-ia que caminhavam nas pontas dos pés. Ninguem tropeçava. Os cantis não batiam nos punhos dos sabres, nem o cano de uma carabina chocava com outro... Si um queria tossir, abafava o ruido na manga da blusa. Iamos a uma surpresa. Mais tarde, aprisionámos umas vedêtas paraguayas, que dormiam a somno solto e despertaram com os ouvidos arrolhados pelos canos das nossas carabinas.

E assim continuámos, *tripe-trépe*, a marcha fatigante pela lentidão. De vez em quando, faziamos alto. A vóz de commando era transmittida em segredo de uma fileira á outra. Que somno invencível eu tinha! Quasi não podia ter-me em pé. Si tropeçasse, caíria dormindo. Eram os vinte annos e a noite tepida. Os dois recrutas chegados do Rio deviam fazer esforços heroicos para nos acompanharem. Os rapazes eram briosos e promettiam.

Já muito tarde, não sei a que hora, porque não tinha relógio, a columna fez alto. O Dezeseis teve ordem de passar para a frente. Tocava-lhe esse logar, porque o inimigo estava perto. Correu-nos pelo corpo um calefrio de orgulho, e jurámos, a nós mesmos, dar plena justificação áquella escolha para o posto de honra. O somno fugiu por encanto. As palpebras não pezavam mais e aquelles centenares de olhos, habituadas ás trevas, prescrutavam as sombras. A fadiga foi substituída por um sentimento de altivez e de confiança em nossas bayonetas, que nos faziam mais ageis.

O Castello, prohibido de conversar, dava-me com o cotovello, dizendo baixinho: *Que honra, seu Dionysio, que honra!* O Noya segredou ao 1.^o sargento Mascarenhas: *Hoje, váe saír muita cinza.*

Muito antes de clarear, ainda longe de despertarem os primeiros alcores da madrugada, o horisonte illuminou-se, como por encanto, á nossa esquerda, e logo nos chegaram aos ouvidos os echos dos ribombos de um conhoneio vivissimo. Viamos, distinctamente, cruzarem o espaço as trajectorias ardentes dos obuzes e granadas, espalhando feiches de scintillas e abrindo-se em grandes explosões. Essas luminarias, gambiarras épicas de um palco sangrento, só se apagaram quando o sol rompeu. Era a divisão gloriosa do chefe Delphim de Carvalho, que forçava as baterias de Humaytá; e a *Vovó*, *El Christiano* e a *Cavera* e mais cem outros canhões as-

sestados na ferradura do rio, que vomitavam toneladas de ferro sobre os nossos navios, também de ferro, illuminados por grandes fogueiras accensas no Chaco fronteiro e navegando galhardos por cima da corrente, que estava no fundo, e dos torpedos, que não explodiram. Nós continuavamos a nossa marcha, silenciosa, quando, ao lusco-fusco, a 1.^a companhia recebeu em cheio, á queima-roupa, uma descarga. O Tiburcio gritou: *Salta*. Estavamos na contra-escarpa de um antefosso. Não tinha parapetto, era largo e cheio d'agua. Num instante, o batalhão inteiro estava do outro lado. Uns salvaram a distancia com um pulo; outros, como eu, fôram ao fundo. Agarrei-me á perna de um soldado e outro deu-me a mão. Vimos ainda o piquete avançado, que nos fez fogo, recolhendo-se, a *marche-marche*, ao recinto de um reducto, que se levantava adeante de nós. O batalhão circulava, estendido, a fortificação, e avançava. Instinctivamente, segui para a minha frente com algumas praças da 7.^a. Logo adeante, topei com um fosso largo e profundo. Do outro lado, erguia-se um alto portão, feito de pranchões horisontaes pregados em vigas a prumo. Era a ponte levadiça do reducto que estava levantada. Os paraguayos do piquete passaram por uma pequena brécha entre o portão e o parapetto. Não via o que se passava longe de mim. Atirei-me ao fosso com os meus homens e subi por um laço de couro crú trançado, que pendia na escarpa, preso a uma viga do portão. A trincheira estava ainda pouco guarnecida. Entrei na brecha por onde passou o piquete, e gritei, com todas as minhas forças, aos nossos, que avançavam: *Corram, venham que não ha ninguém!* Era tarde: os paraguayos subiam, á toda, dos quarteis situados na baixada.

Perdera-se a occasião, por alguns minutos de hesitação. Estava burlada a surpresa. Um, que vinha na frente, baixo e reforçado, de bigode espesso e duro, brandindo uma lança enorme e gritando como um possêso, atirou-se sobre mim com um golpe tão violento, que caíu, a fio comprido, a meus pés; e a arma, que lhe saltou das mãos, ficou nas de um cabo nosso, que estava na contra-escarpa. Felizmente, eu era ligeiro e saltei para trás do portão, desviando o golpe.

Travou-se allí uma lucta entre os nossos homens, em pé na berma, e o inimigo, que defendia a brecha. Não sei quanto durou, porque o tempo em combate passa demasiado rapido. Lembro-me, porém, que o fosso, naquella ponto, ficou cheio de mortos e feridos.

O 16.^o estava todo estendido entre o ante fosso e o reducto. A distancia, entre essas obras, não chegava a 50 metros. A' minha direita, na berma do portão, faziam prodigios dois soldados

da 7.^a, alvejando os artilheiros. Vi-os de repente levarem as mãos ao estomago e caírem, em bôlo, no fosso. Tinham sido varados por espadas paraguayas mettidas pelas frestas entre os pranchões. Così-me com uma das vigas, e fazia o que podia com o meu revolver. Um anspeçada bahiano, muito moço ainda e bravo como um leão, saltou sobre a berma á minha esquerda, subiu o parapetto, galgou a crista e matou, á bayoneta, um inimigo dentro do reducto. Rolou até o fundo do fosso com o craneo espedaçado. Já não me recordo do nome desses herôes. Já lá vão trinta e sete annos!. Mas, que importa?

A Patria conhece-os, a todos, e dirá: «Chamam-se *Exercito*: são os meus gloriosos filhos, que morreram por mim, dando-me vivas.»

Um amigo, o alferes Sampaio, sobrinho do general, e bravo como elle, que esbravejava, porque os sapadores não chegavam com as pranchas e as escadas para a escalada, tombou proximo a mim, com uma bala no pescoço.

O sangue jorrou alguns momentos em rubra trajectoria, por onde se foi uma vida rica de louros e de esperanças.

O Castello Branco, de espada alta, de olhos inflammados, reuniu a sua companhia e arremetia contra as trincheiras; mas, era repellido. Os outros faziam o mesmo. O Tiburcio, calmo, inspirado, heroico, dava ordens, animando aquella gente louca de enthusiasmo.

Porque elle não morreu, nem foi ferido naquella dia? Ninguém estava mais exposto. Era o alvo predilecto do inimigo, pelos seus galões novos de tenente coronel e a poucos metros de distancia.

Todo o soldado é fatalista. Não era ainda o seu dia.

A cortina do reducto, onde estava o portão, e o combate era mais renhido, ficava enfiada por uma das faces, e, sem cessar, era varrida á metralha por peças que nos flanqueavam e cujas guarnições se succediam á medida que iam sendo dizimadas pelos nossos atiradores. A' sua esquerda, o terreno era baixo e o fosso com agua. Os feridos que caíam, morriam afogados.

De repente, encheram-se de novo os parapettos de inimigos. Haviam sido, certamente, reforçados.

A fuzilaria recrudescu e a morte ceifava, mais raivosa, as fileiras do meu batalhão, que avançavam e recuavam, sempre valorosas, como ondas de tempestade batendo nos rochedos.

O combate tinha chegado á sua phase mais terrivel. Chegava o trem dos sapadores, ouvia-se perto o rodar da nossa artilheria, que avançava, e a algazarra da cavallaria, a galope: quando soou, lugubre e terrivel, um toque de retirada. Que momento aquel-

le!... Toda a gente vacillou e eu senti-me perdido. Para mim, a retirada era impossivel—era a morte. O Celes-tino, corneteiro do Dezeseis, de *motu proprio*, tocou: *annullar o toque, carga*.

Todas as cornetas repetiram, vibrantes, aquellas notas fortes e alegres, e os batalhões, dizimados pela metralha e pela fuzilaria, arremetteram com furor sobre as trincheiras.

Não ha quem possa descrever aquella confusão épica.

Commigo, estava o soldado Quaresma, um cabra alto e forte, valente e fallador. O alferes Ibiapaba, do 1.^o de infantaria, subira também a berma. Nós trez, impellidos por móla mysteriosa e irresistivel, penetrámos, pela brecha, no recinto. Deviamos parecer aos guerreiros de Lopez, sêres phantasticos, porque lhes bastava partirem a fundo para nos vararem com as suas bayonetas. Fixaram-nos, espantados, um momento, num espasmo de estupor, e deram meia volta aquelles homens valorosos. Já por outros pontos, as trincheiras tinham sido assaltadas e os brasileiros penetravam victoriosos no terraplano. A perseguição foi terrivel. As nossas bayonetas penetravam naquellas costas morenas, lisas e musculosas. Ia na minha frente, muito perto, um rapaz, e, de vez em quando, lançava-me um olhar, que não parecia de odio nem de medo; ia ferido numa perna e não podia correr muito. Um soldado atravessou-o com o sabre e elle caíu a meus pés, e ainda me olhou. Não sei o que senti. Atirei-me sobre o soldado e quasi o matei. Todos corriam para a margem da lagôa Cierra e alguns puderam embarcar em dous vapores, de fogos accesos, que allí estavam.

O reducto ficou juncado de mortos e feridos, no terraplano, nas banquetas, nos fossos e na esplanada. O meu batalhão cobriu-se de gloria, perdeu 192 praças e 20 officiaes.

Depois de tomado o forte, que se chamava «Estabelecimento», o Tiburcio, invulneravel, mandou tocar: *16, reunir*. Formamos em columna cerrada de pelotões, dentro da praça. Como estava pequeno o meu Dezeseis! Faltava mais da metade. A victoria, ganhã com tanto sangue, fez-me triste. Custou a vida a tantos amigos e camaradas!

Desfilámos depois, a *trez de fundo*, sobre a ponte levadiça, cujos laços haviam sido cortados; ensarilhámos as armas e debandámos, deixando sentinellas nos sarilhos.

Deitei-me perto do Castello Branco e fiz travesseiro duma pedra. Que somno tranquillo, de sonhos risinhos no seio da minha familia, numa noite de S. João!

Fui despertado pelo toque de *general em chefe, sentido*. O Dezeseis entrou em forma como um raio. Era o marquez de Caxias, que chegava com

o seu brilhante estado maior e vinha ver o scenario ensanguentado de mais uma cara victoria do seu exercito.

Ficou uma força para arrazar as fortificações e enterrar os mortos.

Nós voltámos para o Tuyucuê, e, no dia seguinte, marchámos para o Tayi.

A divisão da esquadra, que passou Humaytá, obteve do governo imperial, como justa recompensa, uma bella medalha commemorativa do glorioso feito, promoções por bravura, condecorações honorificas e titulos de nobreza.

A nós da infantaria, á plebe do exercito.. ficaram as reminiscencias daquelle dia, com as saudades dos amigos que caíram para sempre, a consciencia de termos cumprido bem o nosso dever e a honra incomparavel de cabernos, sempre, o papel principal nas horas solemnes das batalhas.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Conclusão)

A grève geral como arma politica

De uns quinze annos a esta parte, o mundo socialista tem sido agitado pelos debates referentes á *grève geral*, que figura como objecto de estudo nos programmas dalguns congressos. No seio dos syndicatos profissionaes, a mesma questão provoca, frequentemente, as mais serias divergencias e dá occasião a rompimentos escandalosos. E' isso porque nem mesmo está fixada a significação daquellas duas palavras. E' o que, pelo menos, resulta da leitura, que acabámos de fazer, de uma obra fartadamente documentada. (*)

Identica foi sempre nossa impressão, quando liamos os *comptes-rendus* das sessões de varios congressos, ao discutirem o assumpto, não exceptuado o de Amsterdam, reunido ha mezes. Temos notado, entretanto, que os anarchistas ou libertarios guardam, a tal proposito, certa unidade de vistas. Para os adeptos e discipulos de Kropotkine e de Eliseu Réclus, a *grève geral* significa subita parada do trabalho salariado em todo o mundo, realisando-se por essá forma a Revolução Social, logo seguida da *expropriação* e do estabelecimento do comunismo regenerador e egualitario. Alguns socialistas revolucionarios, que constituem a «extrema esquerda» do partido, estão promptos, tambem, a admittir a possibilidade dessa catastrophe tremenda. Outrosim, no meio das classes operarias, sem definitiva orientação e sem educação economica, é, não ha duvidar, bem acceita essa idéa de uma parede internacional, obra pura e simples da fraternidade proletaria, nascida de um unico e supremo impulso de revolta contra o Capital e a Ordem social burgueza...

Entre os «intellectuaes» e os «politicos» do Socialismo, é, porém, manifesto o desaccordo.

Uns enxergam *grève geral* na recusa do trabalho de todos os operarios de uma região, representando varias e differentes profissões e tendo por fim a obtenção de vantagens economicas, de melhoramentos materiaes, como sejam augmento de salario, diminuição das horas de trabalho, etc. Outros entendem que é *geral* a *grève* quando, por meio della, se levantam os operarios de um só officio, habitantes em regiões differentes, unidos pelos mesmos interesses, cuidando de obter as mesmas vantagens profissionaes.

Outros ainda — e esses são maioria na Belgica, na Allemanha e na Hollanda — pensam que a *grève geral* se caracteriza por seu fim politico ou social, por ter em vista a imposição de uma reforma ou a intimidação de um governo reaccionario. Para esses, a *grève geral* bem poderia ser chamada *grève politica*. Dentre os da ultima opinião, é necessario distinguir dous grupos: o dos que admittem a coexistencia das duas armas de combate — *grève* e «intervenção politica» — e o dos que pensam que o movimento operario é incompativel com a entrada de socialistas para as administrações e para os parlamentos burguezes, devendo a conquista das reformas e das leis ser feita por meio da *grève geral*. O debate acerca deste assumpto apresenta especial interesse na Allemanha, como, ainda agóra, se vê na obra de Edgard Milhand, *LA DEMOCRATIE SOCIALISTE ALLEMANDE*. A idéa de *grève geral*, no sentido politico, era, ao principio, objecto de criticas e remoques. A pouco e pouco, por influencia dos syndicatos profissionaes, os pontifices do Socialismo allemão fôram transigindo, ao ponto de ser conhecido por Kautsky que, em certas circumstancias, as grèves de grandes massas operarias pôdem ser aproveitadas para secundar a acção politica.

No mesmo sentido, Rosa Luxemburg, explicava a seus correligionarios, no *Neue Zeit*, a differença entre a utopica *grève geral* dos anarchistas e a *grève geral politica e occasional*. Apresentava a illustre escriptora exemplos francezes e belgas, por onde se demonstrava a efficacia das *grèves geraes* feitas no interesse de uma reforma politica, da obtenção de uma garantia, do afastamento de um máu administrador. Essas grèves, dizia Rosa Luxemburg, são meios de educação do proletariado, no seio do qual despertam profundos sentimentos de solidariedade social, preparando-o para a conquista do poder.

Um homem, que tem exercido no partido socialista allemão a mais incontestavel influencia, Eduardo Bernstein, via, ha dois annos, na *grève*

geral com fins politicos, uma demonstração necessaria das forças do operariado.

O tempo das barricadas passou — escrevia Bernstein; esse methodo revolucionario já não assegura resultados satisfactorios. Por agóra, a *grève geral politica e occasional* pôde e deve ser empregada, em casos extremos, como recurso mais garantido, melhor organizado.

* *

Na França, o mais notavel apolo-gista da *grève geral*, Aristides Briand, não a comprehende como os socialistas allemães. Respondendo a Julio Huret, por occasião do inquerito aberto a proposito da lei de arbitramento, o valente deputado de Saint Etienne affirmava sua fé inabalavel na *grève*, como unica arma que tem a seu dispôr o proletariado.

Para elle, todas as *grèves* têm valor e satisfazem, em parte, as legitimas aspirações do operariado. E' preciso generalisar esses conflictos, porque servem para educar os operarios, incutindo-lhes a consciencia do seu valimento, solidarizando, cada vez mais, seus interesses collectivos.

Em um discurso palavroso, que acabámos de ler na obra já citada de Lagardelle, elle mostra adoptar uma concepção quasi anarchista da *grève geral*, que, no seu pensar, se confunde com a Revolução.

Para Briand, parece ser coisa de facil realisação suspender-se o trabalho proletario na França, em um só dia. Quanto aos soldados, acredita elle que fraternisarão com o operariado, voltando-se contra os officiaes que deem ordem de fogo.

Essa idéa da *grève geral*, á maneira anarchista, encontrou decidido adversario na pessôa de João Jaurès, que só presume um meio pratico para a victoria do Socialismo: a conquista legal do poder, obtendo-se a maioria das opiniões e dos suffragios.

* *

Na Belgica, não sómente se pensa com serenidade acerca do assumpto; promovem-se *grèves geraes* de character politico, capazes de abalar o poder publico.

Por isso mesmo, a Belgica é especialmente citada quando se trata de dar provas praticas desse recurso extremo da politica socialista.

Em 1893, fôram mobilizados..... 250.000 operarios. O fim politico era a aquisição do suffragio universal, amplo e generalisado.

O resultado foi quasi completamente satisfactorio; o governo cedeu. Em 1902, querendo os socialistas obter decisiva victoria contra os reaccionarios, decretaram de novo, a

grève geral, reunindo 300.000 trabalhadores. Desta vez, a precipitação dos «cabeças» e a energia inesperada dos poderes publicos prejudicaram o movimento. Entretanto, socialistas belgas, e, entre elles, Julio Destrée e Emilio Vandervelde, reconhecem que essa derrota serviu como lição aproveitabilissima, despertando a consciencia da classe operaria, mostrando-lhe sua força real e a razão de seus desastres, persuadindo-a da necessidade de educar-se e solidarisar-se.

* *

Outras *grèves geraes*, com intuitos politicos, fôram promovidas na Hollanda e na Suecia. Na Hollanda, irrompeu a *grève geral* em abril de 1903. Os resultados fôram nullos. A explicação do fracasso é dada, mui claramente, por H. Roland-Ilolst.

Faltava, alli, forte organização syndical, o operariado não estava educado e o partido operario não tinha uniformidade de opiniões. Nessas condições negativas, orçou por um absurdo tentar *grève* contra o Estado.

A impressão causada pela *grève politica*, na Suecia, foi enorme. Basta imaginar que, durante trez dias, não houve luz, nem pão em Stockolmo! O governo recuou no seu proposito, que era o de reduzir o direito de colligação operaria.

* *

Em poucas palavras, o que nos ensina a experiencia é que o operariado não se pôde empenhar em uma *grève geral*, para secundar e apoiar um programma politico ou uma reacção democratica sem se ter previamente organizado corporativamente. Os *syndicatos*, as *bolsas do trabalho* e as *cooperativas* são os elementos indispensaveis para a organização do operariado como corpo de combate, digno de attenção e de respeito. Onde a influencia syndical não fôr decisiva, onde o operario não tiver na caixa de auxilios e no armazem cooperativo seguros meios de manter-se em *grève*, não é de tentar um movimento serio com fins politicos.

Si é certo e innegavel que o Estado toma partido por qualquer industrial, quando os operarios da sua fabrica se declaram em *grève*, com o limitado intuito de obter melhora de salario ou de fazer despedir um contra-mestre brutal ou debochado; si é sabido que a força publica, a policia e, ás vezes, a Justiça, castigam severamente, contrariando a lei, esses actos de recusa ao trabalho, praticados para fins particulares; como suppôr facil a sustentação de uma *grève* dirigida contra o proprio governo, contra suas idéas, contra suas intenções? Nessa emergência, os tristes exemplos da Bel-

gica, em 1902, e da Hollanda, em 1903, devem pôr de sobreaviso os espiritos trefegos e irriquietos.

No Brazil, ainda não houve *grève* com caracter politico, a não ser considerada como tal a que os patrões provocaram, entre os operarios sapateiros, ha cinco annos, querendo forçar o sr. Campos Salles a suspender a cobrança de um imposto. As *grèves* parciais, que aparentemente téem produzido bons resultados, fôram causa de lamentaveis sacrificios, de profundas discordias, de explorações sem nome.

Falla-se muito, entre nós, de coisas operarias; mas, em verdade, não ha esboço de organização syndical, nem de cooperatismo. Estamos ainda no periodo romantico ou rhetorico do Socialismo Doutrinario. Antes assim, para os capitalistas!

EVARISTO DE MORAES.

(*) *Hubert Legardelle, LA GRÈVE GÉNÉRALE ET LE SOCIALISME.*

PAGINAS ESQUECIDAS

FAÇO IDEIA

(NUM ALBUM)

— « A proprietaria do livro que te aqui deixo, Thomaz, é minha amiga ; e verás que não tem nada de feia. —

— « Faço ideia. » —

— E' Beatriz !

— O nome é lindo ! » —

— « E o corpo ? airoso e gentil !... e aquelle nobre perfil !... e a frente que o orgulho alteia !... » —

— « Faço ideia ! » —

— « E vai fugir-nos, poeta !... cançada já de festins, troca os salões por jardins, a capital pela aldeia !... » —

— « Faço ideia. —

— « Não fazes ideia ! enganas-te ! não pôde haver fantasia que sonhe inteira a magia de que Beatriz se rodeia !

— « Faço ideia ! » —

— « Ai fazes ? !... pois nesse caso descreve-a assim — tal e qual. » —
— « Mas... sem vêr o original ? !... » —
— « Amigo, não se arreceia quem faz ideia ! —

O meu amigo, senhora, que a verdade não falseia, fez assim vosso elogio, e eu fiquei... fazendo ideia !

THOMAZ RIBEIRO.

BELLEZAS DA RETHORICA

PARLAMENTAR

O sr. senador Silveira Martins discutiu, ante-hontem no Senado, o sr. senador Avila, ex-ministro da agricultura. E' um banho em agua de rosas que toma a imprensa barata, esta imprensa barata, cuja reputação é tão malbaratada pelos srs. homens politicos, quando ss. exs. se discutem uns aos outros.

Quando a imprensa encosta o dedo a uma chaga viva, o chagado grita contra a imprensa, como se não fôsse delle a chaga. Quando, porém, é um nobre deputado, ou um senador que patenteia ao publico as mazéllas de um amigo politico, o unico recurso que este tem é mostrar as mazéllas do outro. Ainda ultimamente, na Camara temporaria, os srs. Affonso Celso Junior e Cantão, e, mais tarde, os srs. Basson e Anysio, abriram os dictionarios, nas paginas *dont la mère ne permettrait pas la lecture à sa fille*, e disseram-se o que pensam da respeitabilidade da representação nacional.

Agóra, no Senado, onde imperam a calma e a prudencia, o sr. Silveira Martins diz que quem fez a negociata da ilha das Flôres, precisava ir para a casa de correcção ; e conta toda a historia politica do sr. senador Avila.

Da narração do illustre tribuno riograndense, deprehende-se que a eleição de senadores e deputados não depende das habilitações de cada um, nem dos serviços que téem prestado á provincia ; mas sim das boas ou más relações em que está o candidato com os chefes do machinismo eleitoral.

E' bom que se diga no Senado isto, que, dito pela imprensa, pôde ser attribuido a proposito de denegrir ; é bom que se veja como os dominadores das situações dispõem dos nossos destinos; é bom que se saiba que no caso especial de que se trata, não foi a provincia do Rio Grande do Sul que fez senador e ministro o homem dos despachos pandegos. Quem o inventou foi o sr. Silveira Martins, que, a esta hora, faz o que faz o artista que não fica contente com a sua obra:—limpa as mãos á parede.

1883.

FERREIRA DE ARAUJO.

* *

A UMA SENHORA MARIA QUARESMA

Uns esperam a quaresma para se n'ella salvar ; eu perdi-me n'ella mesma para nunca me cobrar.

Mas com esta perda tal eu me hei por mui bem ganhado, porque o melhor de meu mal está todo no cuidado. Os que cuidam que a quaresma não é para condemnar, se a virem ella mesma, mal se poderão salvar.

GIL VICENTE.

A ARTE DE COLUMBANO

Columbano é um melancólico, uma natureza concentrada e sensível, a quem as asperezas da vida determinam pungitivas reclusões, sujeito a illuminações bruscas de entusiasmo e inesperadas quedas de vontade. Participa da raça pelo intensivo arremesso de audacia, logo exgottado em desesperos surdos. Timido, perplexo, tendo, como todos os artistas, um pouco da natureza feminina, embaraça-se em paragens interrogadoras de ante da acção, em duvidas que lhe attenúam o esforço, — chocando-se tudo isto num fundo vivaz e resistente de apaixonado, que lhe tem conservado a linha indomável do seu caracter artistico.

Daqui, a sua espontanea tendencia para todas as composições em que a acção não brame com a furia accesa de uma convicção barbara, mas a que uma serena compostura dá nobres attitudes ao gesto, préguas ricas ao pannejamento, — todas aquellas em que os personagens, longe da arena rude e recolhidos ao seu mundo interior, meditam ou sonham, imaginam ou soffrem. E' que alli a energia é toda interior, é que nos seus typos a refréga é toda de idéas.

Quando Columbano pinta batalhas, sente-se que o braço do luctador não é alimentado por uma irremessível vontade, os musculos não se titanisam sob a colera bruta, e mesmo levantando o arcabuz ou enristando a lança, em Ormuz ou em Ceuta, o aventureiro parece um momento recolher-se para pensar — se valerá a pena o arremesso, se não será superfluo o sacrificio.

Mas, logo ao pé, como a cabeça de Albuquerque nesses maravilhosos tectos do Museu de Artilheria, se concentra um alto imaginar, sonhando as maravilhas de um imperio; como o *terribil* capitão, fincado na attitude soberba da sua força e nas rijas amarrazas da sua fé, olha com immortal desdém, succumbindo já, numa indivisível tristeza, sob a injustiça dos homens, mas arquejando ainda sob o broquel do seu peito caldeado — secco, de ordens breves, parece que váe proferir phrases duras e conceituosas, vibrantes como o adamás, timbradas como uma estrophe. Saíu perfeita

das *Lendas da India*, é uma das mais integraes cabeças de Columbano e aquella em que o genio mais illuminou a fronte, condensandò-se, como o fluido encarcerado, dentro de uma garrafa de Leyde.

Os pannejamentos destes quadros e de todos os que lhes ficam em volta fazem de Columbano um émulo dos grandes gothicos, e a delicadeza dos tecidos, o brilho das sedas, a luminosa orientação dos brocados, descem pela téla numa cataracta de sons triumphantes, cantando como um hymno por manhã de sol e dando ao conjuncto uma harmonia de côres, voluptuosa e rica.

Columbano tem feito ultimamente uma série de pequeninas obras primas, quadrinhos de genero que elle trabalha com devotado amor e que são aquelles em que a sua emoção mais se sente dentro da torre de marfim que todos nós temos cá dentro; levado pela sua sensibilidade para os assumptos em que uma avelludada melancolia attenúa a hostile brutalidade das coisas, suavisa estas lindas composições com toques delicados de uma realidade poetica.

Nostalgico, como todos os artistas, amando do passado o alindamento das existencias em permanente contemplação do objecto de Arte, talhado com amor, desde uma chave de porta arrancada ao ferro rebelde por um serralheiro humilde, ao fausto de um traje de grão-senhor passando sob a magestade de um portico, sente-se afastado do mundo moderno e da ingenua fealdade dos seus arranjos, arripiado sempre sob a crueza implacavel da luz que recorta o gosto contemporaneo. E assim váe, carregando com a sua chimera, para a magia dos seres interiores, que tanto fazem lembrar, pela macia luz nimba, os recatados interiores hollandezes do seculo XVII, em que uma tonalidade loira paira e canta como se fôssem vistos por pupilla de ambar.

E' para estes quadrinhos de genero, por certo os que mais se casam com o delicioso colorido e a diaphaneidade luminosa de Columbano, que o seu pincel quasi se espiritalisa, poetisando amorosamente as linhas e fazendo evocações de existencias fenecidas que vôm á nossa imaginação como borboletas de sonho, fazendo-

nos recordar existencias palpitando ainda em nós sob mal apagadas cinzas...

São cabeças em perfil perdido numa meia luz de recanto amado, em cuja penumbra apenas uma concha de orelha se ruborisa sob um fluido alpendre de cabellos loiros; velhinas em cujo olhar boceja um riso de maliciosa bonhomia; burguezinhas archaicas olhando cabazes de fructa outomniça em que parece nadar, como uma aureola, a graça convalescente de uma estação que se esmaéce.

E para este suprasensível encanto, dir-se-ia que as tintas, cadaverisadas nos tubos como em sarcophagos de estanho, se dynamisam, vitalisadas por uma vóz de milagre, parecendo que sobre a sua inercia passou o halito do Deus-Creador. A luz irrompe como num mytho, fluidificando a mancha, tornando-a quasi psychica, e a maneira da matinal claridade que lentamente sae dos negrumes de uma noite tormentosa, nivéla a face, aloira o cabelo, põe chimeras no olhar, golphões de esperança na anciedade dos seios e ascende em côro triumphal como se se desprendesse, numa apothese sagrada, das fontes mysteriosas da Vida.

JOÃO BARREIRA

— — — — —
O ALMIRANTE (25)

— — — — —
ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

— — — — —
CAPITULO XIV

Pelo cerebro sombrio da marquezia, assaltada de subito terror, passavam, como aves de tormenta, vagos presentimentos de factos que ella não podia bem precisar, uma calamidade imminente, um longinquo rugir de mar embravecido, um alarido de terror, retinir de armas, estrugir de canhões, o rumor sinistro de uma batalha, a cujos echos confusos vibravam os seus nervos combalidos. A esses presentimentos, não correspondia a calma olympica das altas regiões, a tranquillidade dos grandes conductores da politica, repousando, inebriados de poder, numa limpida atmospheria de confiança no ephemero prestigio conquistado na recente consulta á nação pela eleição de 31 de agosto. Já affluíam á Córte, como aves de arribação de plumagem exotica, destacando-se pelas attitudes de embaraço, pelas roupas cortadas nas alfaiatarias provinciaes, ou novas

em folha, saídas do Raunier e do Valle, ainda não conciliadas com os corpos, os representantes da soberania nacional, triumphante para o governo, numa quasi unanimidade eloquente. Sergio de Lima lhe respondera sorrindo, quando ella lhe participára esses vagos receios, com a retumbante phrase de Silveira Martins — o poder é o poder. Seria possível que, no circulo da gente mais proxima do throno, dos homens mais peritos na arte de guiar os povos, dos mais serios e dos mais velhacos, sómente dois pessimistas, o conselheiro e o Basson, destoassem do côro ensurdecido dos hymnos á situação opulenta e forte que desrolhára caudae de ouro, fecundando as atrophiadas forças do paiz e inaugurando uma abençoada éra de prosperidade inegualavel, donde surgia, por encanto, a inactiva industrial em empresas colossaes, confiantes na restauração do credito, e nos auxilios que o parlamento em breve votaria, para restabelecer a lavoira das chagas abertas pela emancipação? Seria crível que toda essa gente bailasse, temeraria, despreocupada e feliz, naquella sumptuosa festa, um verídico, um maravilhoso sonho das *Mil e Uma Noites* na ilha Fiscal, sem perceber os rugidos da féra militar, espicaçada pelos repetidos actos de repressão, demasiado rigorosos, que parecia tenderem a provar o prestigio do governo? Seria verdade, como lhe affirmavam os cortezãos, que os clamores da imprensa e aquella ameaçadora vóz de João Baptista, a troar como um brado da consciencia de um povo, nas columnas do *Diario de Noticias*, fôsem grita de despeitados, de descontentes, de vencidos, não resignados á esmagadora victoria do governo?

A marquezia ouvira, dias antes, que a dispersão gradual dos batalhões da Côrte não era medida inspirada pelo receio, mas uma providencia de sanidade: era preciso varrer das immedições do throno esse lixo de desordeiros refohados, transviados do dever: bastaria a policia armada de carabinas Comblain, novas em folha, para preservar o governo de qualquer tentativa anarchica. Apesar dessas seguranças, decorrentes das fontes mais auctorisadas, ella não se podia libertar do secreto, do insistente terror que, com intermittencias consoladoras, lhe vinha affligir o timido coração preságo.

Essas considerações fugiram rapidas, como nuvem que toldára, por instantes, o espirito da marquezia.

--Porque não trouxe as meninas?— disse ella a d. Eugenia.

—Oh, essas estão, desde o baile da ilha, numa roda viva de festas aos chilenos. Oscar levou-as hoje para uma *matinée* a bordo... Parece que as moças fluminenses estão doidas varridas nesse torvelinho de festas, que até pare-

cem exageradas. Não imagina os incommodos, o dinheiro surdo que ellas custam aos paes de familia. Se dependesse de mim, as minhas filhas ficariam em casa, mas o pae apresentou unhas tantas considerações, ponderou que não ficaria bem á familia de um alto funcionario da casa imperial, abster-se dessas manifestações internacionaes aos representantes de um povo amigo, ao qual nos ligavam interesses da maior monta; taes fôram as razões que não pude resistir.

—E você?

—Eu? Bem sabe que tenho invencivel horror ao mar, mesmo calmo e manso como esse da nossa bahia. Eu nunca entrei numa barca para ir á Praia Grande. As meninas encontraram, felizmente, a melhor companhia, a Marianninha, obrigada a abandonar os seus habitos sedentarios de bôa dona de casa, porque o marido está figurando na alta roda financeira, é da gente do Banco Nacional. . Aquella Martins é um aborto da felicidade, um homem de estrella. Quem diria que, de humilde negociante, chegaria rapidamente a tão invejavel posição?

—E merecida. Martins é um homem de bem, dessa velha tempera de homens serios, que já téem poucos representantes. Além disso, é intelligente, modestamente, sem esse brilho fascinante muita vez ephemero, enganador.

—Sou-lhe muito grata pelo que fez pelo Antonino; posso, portanto, falar com imparcialidade: elle muito merece, mas, neste mundo, não bastam qualidades pessoaes de honra, de intelligencia: é preciso ter estrella, e a do Martins é de primeira grandeza, começando pela mulher que é um anjo. No baile da ilha, estava deslumbrante de belleza, naquella simplicidade de que ella tem o segredo. Disse-me Amelia que não se adivinharia em Marianninha a mãe de tantos filhos.

—Uma mulher feliz é sempre encantadora, Gininha. A ventura de esposa dá-lhe um brilho divino aos olhos, um tom suave ao colorido das faces, sem as rugas das maguas secretas, suffocadas em lagrimas que se não vêem; o coração de mãe, a transbordar de alegria, irradia uma vigorosa corrente de sympathia, que electriza e attráe os outros corações. Eu, quando contemplo Marianninha cercada dos filhos, adorada pelo marido, penso estar diante de uma santa.

—Eu chego a ter ciúmes della pelo muito que lhe querem as meninas; chega a ser um fanatismo.

—E' uma excellente companhia para as suas filhas.

—Não ha duvida. E o Antonino é da mesma opinião. Não admira porque sempre foi um admirador daquella senhora, por elle considerada um prototypo da mulher no lar e na sociedade. E quando o Antonino assim julga uma

senhora, isso equivale a uma consagração.

—Nem todos, infelizmente, nos apreciam pelo correcto prisma do conselheiro. Vão ficando muito em evidencia as senhoras que sabem os segredos da exhibição, e, apaixonam-se tanto pela arte de agradar, que vão abandonando a outra arte de esposas e mães. Na sociedade de hoje, as virtudes domesticas constituem uma velharia, escondida como reliquias da pureza, da simplicidade de costumes incompativeis com as tendencias e as aspirações da nova geração de importadores dos habitos elegantes, das finas maneiras das damas europeas, vistas através dos romances, que nós lemos com avidéz, dos figurinos que imitamos com servilismo. No meu tempo, as senhoras abastadas não se entregavam, passivamente, ás copias das modistas francezas: tinhamos as nacionaes, as costureiras intelligentes, as nossas mucamas, que eram verdadeiras feiticeiras na arte de vestir. Ah, no meu tempo...

—A marquezia está a falar no seu tempo, como uma velha a recordar um passado de meio seculo...

—Que sou eu, minha cara Gininha, senão uma ruina cheia de chagas abertas pelo tempo? Não vê os meus cabellos enbranquecendo, o meu rosto retalhado de rugas? Ah, se os meus filhinhos fôsem vivos, se me rodeassem como os filhos de Marianninha, como as suas filhas... eu remoçaria nelles, na sua mocidade forte, as minhas forças se robusteceriam no vigor delles, que seria o meu proprio vigor, a minha alma duplicada na existencia feliz dos meus filhos, que seriam a esperança, o futuro... desse futuro sonhado com o anhêlo de um coração amoroso e... para sempre sepultado alli...

Num gesto tragico, a marquezia estendeu o braço, que emergia das rendas do roupão de flanela, para a sombria alameda de jaqueiras, cujas copas frondosas, espelhando com reflexos metallicos o ardente sol de novembro, appareciam agitadas pelas brisas marinhas, através das cortinas diaphanas da janella aberta sobre o parque.

E como d. Eugenia se calasse, compungida pela dôr daquella saudade immorredora, a marquezia continuou, limpando as lagrimas:

—Eu não me resignára, sem desesperar da sua clemencia, ao castigo de Deus, que me fulminára o ventre. Haviam-me ensinado a submissão á vontade omnipotente, que põe á prova os seus eleitos, submettendo-os a transees crueis: eu tinha fé na misericordia divina, que protege os fracos, os opprimidos, os infelizes, e devia amparar a minha maternidade desventurada. Aos successivos golpes, a esperança me abandonava; eu não podia compre-

hender que um Deus, justo e piedoso, punisse, tão cruelmente, as mães pelo unico delicto de o serem. As recompensas promettidas, as eternas delicias do céo se me figuravam insignificantes, ephemeras, comparadas com essa magoa das mães feridas no coração pela morte dos filhos, essa magoa terrivel, inegualavel, que só póde ser julgada pelas mães que a soffreram. Quando o meu ultimo filho jazia arquejante, no pequenino leito branco, como um innocente condemnado por alheias culpas, suppuz que me fugia a razão, e, num lampejo de fé, me precipitei aos pés da imagem da Virgem da Conceição que, entre as luzes do oratorio, parecia acolher, com um sorriso meigo, o meu desespero. «Maria Immaculada, Virgem mãe — exclamei, entre soluços — tem pena de mim; pune os meus peccados, mas salva meu filho. Fôste mãe piedosa, padeceste a dôr de perder teu divino filho, martyrisado pela cegueira cruel dos homens; teu coração foi traspasado pelas sete espadas de dôr, mas tu eras santa; tu eras divina; tu fôste mãe de Deus. Ah, mãe de misericordia, soffreste, soffreste muito, mas não te pungiu a dôr das mulheres peccadoras, que perdem os filhos concebidos com amor...» Esta blasphemia me cerrou os labios, apagou-me a luz dos olhos: caí fulminada... Quando me voltaram os sentidos, meu filhinho tinha morrido... A Virgem se vin-gára.

A marqueza estacou offegante. As ultimas palavras lhe surgiram dos labios saturados do fel de um rancor sedimentado no fundo do seu coração e revolvido pela evocação do seu martyrio de mãe inconsolada. Ergueu-se sedenta de ar; foi até á janella, fitou desvairada o céo, o arvoredado, o horizonte, fechado pelo recôrte esfumado das montanhas, onde o penedo do Corcovado, erécto, solemne, parecia um dêdo gigantesco, impondo silencio á velha dôr cruciante, espicaçada pela saudade, que só a morte póde suffocar no seio das mães infelizes.

— Ah, minha amiga — disse ella, acalmando — você nunca perdeu um filho... Desculpe a minha loucura! Depois desse ultimo desastre, procurei resignar-me. Meu marido vivia e, com elle, a esperança, que desapareceu com elle. A politica era um scenario curioso onde se representava uma farça que me divertia; mas, a viuvez, esse derradeiro golpe, me prostrou. Tive de recorrer a um supremo esforço de vontade para me atordoar, para não succumbir de tristeza. Ahi está a razão daquella extravagancia de fazer-me mulher industrial, fazendo uma ouzada incursão no campo da actividade masculina: a minha fazenda modelo, o nucleo *Isabel, a Redemptora*.

— Abençoada extravagancia — murmurou d. Eugenia.

— Eu delapidaria, sem remorso, toda a minha fortuna, se disso dependesse a consolação anhelada, a cicatrização das feridas da minha alma.

D. Eugenia, sacudida de commoção, contemplava, com secreto terror, a marqueza, que se lhe figurava desvairada á evocação desse passado doloroso.

— Agóra — continuou a marqueza, tranquilla e resoluta — vivo para um affecto, vivo para uma obra, que serão a consolação da minha velhice — Oscar e a Patria. A pobre alma feminina se evaporou: existe aqui uma alma de homem.

E comprimindo, fortemente, o seio, ella descerrou os labios, num sorriso de amarga ironia.

A sombra das montanhas alastrava pelo parque, e o lindo salão, em que as duas senhoras se achavam, escurcia lentamente, num confuso tom de melancolia.

Uma creada annunciou o jantar.

— E Oscar? — perguntou a marqueza.

— Não veio ainda, não, senhora.

— Jantaremos juntas — tornou a marqueza, envolvendo d. Eugenia numa caricia supplicante.

— Mas não preveni ao Antonino.

— Mandarei dizer-lhe que lhe sequestrei a mulher, pedindo-lhe que venha com as meninas. Estou hoje inquieta, nervosa; necessito da companhia de uma amiga como você, Gininha.

Executando a resolução, sentou-se á secretária de laca e traçou, numa pequena folha de papel marcado com um brazão de ouro, algumas linhas ao conselheiro com a bella letra de collegial que ella conservára, apenas, com algumas hesitações tremulas.

— Que dia é hoje? perguntou a d. Eugenia.

— Quatorze de novembro — respondeu d. Eugenia, desfolhando um mimoso calendario.

— Esse anda como a minha cabeça — observou a marqueza, sorrindo.

(Continúa)

SCIENCIA E INDUSTRIA

MANCHAS SOLARES — A DEMONSTRAÇÃO DO PHENOMENO — AS OPINIÕES DE FLAMMARION E DO PADRE MOREUX.

O observatorio de Pariz deu os pormenores da grande mancha solar, por elle observada durante o mez de fevereiro ultimo.

Essa mancha, de dimensões formidaveis, média, ainda no principio de março, 140.000 kilometros de comprimento sobre 70.000 de largura média.

Segundo photographias de mr. Lucien Rudaux, do observatorio de Donville, a mancha foi nitidamente reproduzida, na sua primeira apparição, a 3 de fevereiro, quando passou pelo meridiano central do sol e quando reapareceu no bordo oriental do astro, a 25 do mesmo mez.

A mancha primitiva estava dividida em quatro nucleos distinctos e se apresentou, depois, como um grupo de manchas muito extensas, invadidas por turbilhões de materia incandescente ou chammas brilhantes da atmospherica solar, chamadas féculas.

O padre Moreux, o primeiro a descobri-la, no observatorio de Bourges, dá a ellas uma explicação analogá de Camillo Flammarion: ellas são regiões extraordinariamente superaquecidas, especie de gigantescas crateras de vulcões gazozos, que vomitam formidaveis quantidades de gaz, de temperatura inaudita, relativamente pouco illuminativas, si bem as manchas, nas partes mais sombrias, sejam trezentas vezes mais luminosas que a lua cheia.

As féculas que as cercam, são turbilhões de gaz incandescente e muito luminoso, emittindo menos consideravel quantidade de calor.

Para nma demonstração nitida do phenomeno, o padre Moreux, empregou uma engenhosa comparação. Tomemos — diz elle — um aquecedor a gaz, cuja chamma azul é muito quente, graças á tiragem de ar, feita na parte inferior; mas, desde que se supprimir esse orificio, por onde o ar penetra, o gaz projecta uma luz amarella de grande poder illuminativo. As particulas de carbono, não se volatilizando, como no caso precedente, tornam-se incandescentes. No primeiro caso, o aquecedor esquentava muito, mas não illumina; no segundo, o calor é menos intenso no interior, mas illumina e irradia com mais vigor. E' identico o mechanismo das manchas.

Segue-se, portanto, como demonstrou Flammarion, que as manchas solares correspondem a periodos de actividade, cujo effeito é augmentar a temperatura. O anno passado, essa actividade solar, que se manifesta em periodos de onze annos, começára a tornar sensiveis os seus effeitos: devem-se, por isso, esperar grandes calores no futuro verão.

Quanto á mancha actual, em periodo de decrescimento, elle subsistirá durante algumas rotações do sol, dominando sempre, deslocada pela acção das féculas, que a invadem, por toda a parte, com rapidez muito superior á dos nossos mais violentos tufões.

Na terra, os ventos attingem o maximo verificado de 252 kilometros por hora, ao passo que, no sol, o padre

Moreux registou rapidez de 2.800 kilometros.

* *

ZONOPHONES E PHONOGRAPHS

Esses maravilhosos instrumentos de repetição se têm propagado por todo o mundo como uma verdadeira praga: que o digam os ouvidos cariocas, atazanados, por toda a parte e a toda hora, por esses extraordinarios machinismos.

Com immenso regálo dos amadores da boa musica, os phonographos de Pariz emmudeceram, subitamente, em consequencia das medidas legais solicitadas á justiça pela sociedade dos editores de musicas allegando que os fabricantes e vendedores desses aparelhos deviam ser classificados como organisadores de orchestra, e, como taes, responsaveis por direitos de auctor das musicas, que reproduzem.

Isto occasionou a suspensão das operações de cincoenta fabricas, com immenso prejuizo para trez mil operarios que ficaram sem trabalho.

Na situação precaria em que se acham, ainda, no Brazil, os direitos de auctor musical e de outras obras d'arte, a salutar medida decretada, em Pariz, pelos tribunaes, poderia ser, aqui, substituida por uma forte contribuição municipal sobre o uso desses aparelhos nas lojas ou como *réclame*, imposto que seria mais fortificado e muito menos oneroso que o lançado, ultimamente, sobre cartazes, uma pequena violencia, sem alcance como renda publica e sem justificação por ter de ser pago por uma classe absolutamente desprotegida, como seja a dos artistas dramaticos de todas as categorias.



PHILANTROPIA

OS MILLIONARIOS AMERICANOS — DADIVAS Á EDUCAÇÃO POPULAR — O MELHOR AÇOUGUEIRO DO MUNDO.

A America do Norte é a terra dos maiores doadores do mundo. Durante o anno de 1904, mais de oitenta milhões de dollars fôram doados para obras de philantropia e de caridade, conforme a estatistica das instituições humanitarias, não contando os milhões dados secretamente ou por intermedio das organizações de caridade, pessoas, dos proprios doadores.

Ha millionarios que se preocupam mais com a distribuição de suas esmolas do que com a administração dos negocios collossaes que dirigem.

John D. Rockefeller, um dos maiores philantropos do mundo, disse que era mais facil ganhar um milhão

do que distribuill-o, com acerto, em obras de beneficencia. Este miliardario, o famoso rei do petróleo, applica as suas liberalidades á educação. Além de seus secretarios particulares, ninguém conhece, exactamente, as fortes sommas que elle distribúe; sabe-se, porém, que elle tem dado mais de 35 milhões, dos quaes treze couberam á universidade de Chicago. Outras sommas importantes fôram, por elle, doadas ás seguintes instituições: ao Rush Medical College de Chicago, 6 milhões; ao Barnard College, 1.375.000; ao Southern Educational Fund, 1.126.000; á Havard University, 1.000.000; ao Baptist Missionary Fund, 1.000.000; ao Teachers College, New York, 5.000.000; ao Vassar College, 4.000.000; á Browu University, 325.000; á Cornell University, 250.000; ao Bryn Mawr College, 230.000; ao Rockefeller Institute for medical research, 200.000; ao Newton Theological Seminary, 150.000; ao Adephe Coll, 125.000; á Syracuse Univ., 100.000; ao Smith Coll., 125.000; ao Y. M. C. A., New York, 100.000; ao Y. M. C. A., Brooklyn, 100.000; ao Wellesley Coll., 100.000; á Columbia Univ., 100.000; ao Denison Coll. grasville, Ohio, 100.000; Turman University, 100.000; á Univ. de Nebraska, 67.000; ao Y. M. C. A. de Washington, 50.000; á Univ. de Indiana, 50.000; e muitas outras menos importantes.

Andrew Carnegie tem feito doações trez vezes mais importantes que as do rei do petróleo, na maior parte para a fundação de bibliothecas, na importancia de cem milhões de dollars, sendo empregados 70 milhões nos Estados Unidos; dezoito na Escossia; 1.750.000 na Hollanda; na Inglaterra e Galles, 1.354.000; no Canadá; 1.016.500; na Irlanda, 315.000 e 257.000 a Cuba

Rockefeller fez, elle proprio, a sua colossal fortuna de 320 milhões de dollars, rendendo 5.000 por dia e 200 por hora.

Carnegie é tambem um *self made man*: não herdou; não macúla, com a applicação de vantagens reaes, o seu nome honrado nenhum negocio máu: os seus milhões são resultado legitimo da sua extraordinaria actividade intellectual.

A beneficencia, bem entendida, para a sociedade, é actualmente a occupação predilecta desses dois gigantes da finança universal, derramando torrentes de ouro para subvencionar a educação do povo e o progresso das sciencias. Carnegie, que allia o industrial ao philosopho, homem que inventou para os couraçados as famosas placas nikeladas e escreveu livros de sciencia social, afirmou que era uma desgraça morrer rico, e a sua maior aspiração é applicar, em vida,

os seus collossaes haveres de um modo util á humanirade.

Esses dois homens extraordinarios, têm repartições encarregadas, especialmente, de distribuir doações.

Além desses caridosos methodicos, que organisaram *trusts* para a applicação dos seus haveres, em obras de philantropia, citam-se outros heróes da liberalidade, como Helen Gould, filho do famoso J. Gould, Pierpont Morgan, o rei do aço, que procede sem methodo, tendo, porém, especial cuidado na protecção dos rapazes abandonados nas ruas. Sóbem as dadas desse homem de reputação universal, a um milhão de dollars annualmente, a universidades, egrejas, hospitaes, bibliothecas; e, como elle é tambem um artista, tem gasto milhões na aquisição de preciosidades, collecções de porcellana, de joias, de quadros, doados aos museus americanos.

Seguem, na lista dos doadores, Augusto Belmont, propenso a obras de devoção, assim como o veneravel John S. Kennedy; Charles Lanier, applicado á caridade privada; William D. Sloane, fundador de uma maternidade; Elliot Shepard, tambem muito inclinado a dadas privadas. O ex-mayor de New York, Seth Low, deu um milhão de dollars á bibliotheca Columbia, e os Havemeyers construíram um bello edificio nos terrenos daquelle collegio. Charles Yerks construiu um magnifico observatorio no Viscountsin; Marshall Field deu ao Field Columbian Museum de Chicago, dois milhões. O dr. Pearsons, de Chicago, está, como Carnegie, distribuindo a fortuna antes de ser surpreendido pela morte, e já deu mais de quatro milhões a institutos de educação, quasi tanto quanto deu o fallecido P. D. Armour, o maior açougueiro do mundo, que fundou, em Chicago, o Armour Technological Institute.

E' curioso que esses homens, surgidos das baixas classes pobres, não tenham amor ao dinheiro sinão para distribuill-o, sabiamente, afim de melhorar as condições sociaes, cujos horrores conheceram por experiencia propria, resultantes da falta de educação que elles combatem como o maior e o mais funesto dos males.



A LIVRARIA

CULTOS E CRENÇAS—ANTONIO LAMEGO.

O sr. Antonio Lamego, num livro de 144 paginas, exteriorisa profusamente os seus cultos e manifesta abundantemente as suas crenças. A facilidade do sr. Lamego em versejar é ampla, e nesse livro, que não sabemos se é uma estréa, o verso corre e escorre de qualquer maneira, torneiramente,

num chorrilho prosaico e bambo, em que os hiatos abrem largas guélas bocejantes. Não ha, porém, nos cultos do sr. Lamego, o culto principal, que é o da Fôrma, e a unica crença do poeta é crer que realmente é... poeta. No emtanto, nessa plethóra metrica com que nos abastece o cantor, não existe o menor alento de poesia. Os assumptos do sr. Lamego são ou ternuras referentes ao seu lar domestico, ou sentenças impando philosophismos, ou subjectividades pessimistas de poeta infeliz, ou historietas de uma infantilidade dolorificante, e tudo moldado num nhen-nhen-nhen e num ta-ra-rão-ta-ra-rão que fatiga as oíças do menos exigente em melodias metricas.

O sr. Lamego, se quizer fazer coisa que valha a pena, procure virilisar o seu verso, ruborar a phrase, dar realce e relevo á palavra.

Mas, antes de tudo isso, é necessario ter... idéas. Do contrario, realejará estribilhos cançados e velhos motes decrepitos.

* *

MARIDO CONQUISTADO — LINDOLPHO GOMES, TYP. DO « PHAROL » — JUIZ DE FÓRA

E' uma comedia em verso alexandrino emparelhado. O assumpto é um pouco ingenuo : Celuta desconfia que o marido faz a côrte a Ignez, sua criada, e, para convertel-o ao legitimo amor, inventa, de repente, a alta hora da noite, para lhe fazer ciúmes, ir a um baile, muito requintadamente vestida ; o dr. Mello, o marido, que realmente anda arrastando a aza á criada, não consente que a jovem esposa vá ao baile, abandona a conquista de Ignez e deixa-se conquistar pela mulher, que, ao cair o panno, reclinada ao hombro do marido, lhe diz, maliciosa, (rubrica o auctor) que o que deseja é ser apenas sua... criada. Este final é a unica coisa, aliás, chistosa desse *lever de rideau*, em que o sr. Lindolpho Gomes semeia puerilidades e versos errados. Versos errados ! nesta epocha em que todo o mundo sabe fazer versos ! É de pasmar. No emtanto, o sr. Lindolpho esquarteja alexandrinos com uma convicção rara, e quando não é isso, são os pronomes ao léo, as impropriedades, as *gafes*, talvez mesmo as incorrecções. A comediasita, porém, fará rir se representada, porque tem immoralidadesitas picantes, embóra tolas, e será elogiada pelo sr. Arthur Azevedo, porque encerra a sufficiente somma de futilidades para isso. Quanto ao genero que o sr. Lindolpho Gomes escolheu para theatrificar, a burlleta, rapida e divertida, é assumpto que nada tem que ver com a arte theatral, e são baboseiras sem seriedade artistica e sem idéal esthetico. O auctor, que parece não ser destituido de talento,

póde aproveitá-lo, mesmo explorando o tablado, em coisas de mais alto tomo, ou, já que se trata de theatro, de mais alto cothurno.

Mas, corrija os seus versos e escreva em lingua portugueza.

* *

VERSOS PERVERSOS — D. XIQUOTE — LIVRARIA CRUZ COUTINHO—RIO

Estes versos, que o auctor nos previne de perversos, são, conforme se declara no frontespicio, « poesias satyricas e humoristicas », em commentario aos acontecimentos politicos de 1904. O sr. D. Xiquote está, pois, convencido de trez coisas, pelo menos : que os seus versos são realmente perversos, que são, além disso, poesias, e que nessas poesias ha satyra e *humour*. Evitando a velha epigrapha que o carnavaal monopolizou, o *Ridendo castigat mores*, D. Xiquote, parodiando a maxima positivista, epigrapha deste modo o seu volume : *A Troça por principio e a Pilheria por base : o Riso por fim*.

O homem quer, pois, que a gente ria. Cremos que tambem não faz questão de mais nada. E' perverso, mas não é exigente. Abramos o livro e disponhamonos a passar um risinho quarto de hora, despreoccupado e inoffensivo. O auctor preludia atanzando a Politica, a Republica, o Engrossamento, os Melhoramentos, a Hygiene, a Policia, o Congresso, e váe pelo livro a dentro a fazer trocadilhos e jogos de palavras, alguns dos quaes, não ha duvida, são bem achados e não deixam de ter a sua graça. Assim, ha alli sonetos que, no genero, são superfinos, (mas este genero é, diga-se de passagem, inferiorissimo) como o soneto sobre a flauta do Instituto, (pag. 22) sobre as dragas, (pag. 6) sobre a exposiçãõ deapparelhos a alcool, (pag. 11) sobre o mercado da Gloria (pag. 32) e algum outro mais. Como se vê, não é muito, mesmo porque esta profissãõ de ter espirito é ardua. O livro não dá, pois, para muito riso, tanto mais quanto ha, nelle, aqui e alli, muita pachuchada de máu gosto e muita injustiça disfarçada em pilheria. Não tem, pois, nenhum cabimento a troça feita a homens de real merito, como o sr. barão do Rio-Branco, por exemplo.

Ha tambem no livro insistencias de acanalhamentos gratuitos, intenções constantes de ridiculisação, amofinamentos de mofina versificada, que não são coisas nem generosas nem cavalheirescas, como as satyras contra o dr. Oswaldo Cruz, um homem superior pela sua sciencia e pela sua sua fecunda actividade, e que é um benemerito desta terra. Quando o espirito se transforma em chalaça e a graça em gavrochada charra, já não se póde rir senão com desdém ou commiseracção.

O livro de D. Xiquote não tem, de resto, nada que ver com a Arte. E', para resumir, uma série de versos inoffensivos, feitos, *au jour le jour*, por uma pessôa que não toma a vida a serio e que pensa que ninguem, portanto, a deve tambem tomar a serio.

BERNARDES DO CANTO.

* *

A PNEUMONIA NO RIO DE JANEIRO — THESE INAUGURAL — DR. ALBERTO RODRIGUES—TYP. D'OS ANNAES.

Com a grande anciedade leiga de um curioso pelas conquistas scientificas, e com um profundo affecto pelo auctor, li a *These* do dr. Alberto Rodrigues, para o doutorado em medicina, pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Já alguem disse que todos nós, entre os desvios cerebraes formadores da fraqueza humana, além de um pingo de loucura, temos a tára da medicina, que é o germen dos grandes professores, os grandes artistas da arte de curar, os famosos feiticeiros ou os réles charlatães, que infestam a humanidade, conforme a educaçãõ inicial dessas tendencias, accentuadas naquillo que chamamos, vulgarmente, vocacções. Mas, nasça um homem para mathematico, para estadista ou para sapaiteiro, terá, sempre, a tal mania de curandeiro. Por isso, todo o mundo sabe receitar um purgante, um diuretico, um estimulante do estomago, um desobstruente do figado, um xarope para catharro, recorrendo ás propriedades mirificas de velhas mesinhas tiradas da nossa vastissima flóra, ás velhas panacéas consagradas pela tradiçãõ, ou caíndo na homoeopathia, que é uma vasta clareira, aberta na selva da sciencia, para refugio dos magicos, dos feiticeiros, dos fetichistas, dos ignorantes, e muito vulgarisada, depois de ser elevada á categoria de therapeutica official dos *espiritos*, actualmente os mais conceituados clinicos do Rio de Janeiro.

A par dessa caridosa mania de curar o proximo, vem a de criticar, com auctoridade, as indicações therapeuticas dos profissionaes, famosos ou mediocres. O empirismo desabusado acha sempre um reparo severo aos processos applicados a um doente querido ; encontra sempre casos identicos em que a cúra se effectuou por milagre, sem emprego de drogas modernas, em capsulas, em injeccções, desses venenos que, quando não apréssam a morté, deixam o paciente escangalhado por toda a vida.

Não deve ser, portanto, um caso estranho se afoitar um leigo á leitura de um livro de medicina feito sem phrases ornamentaes, sem excessivos pedantismos de technica, com uma precisão severa de observações, lealmente, pacientemente feitas, com deducções lucidas, mormente quando elle, como

na *These* do dr. Alberto Rodrigues, tem o condão de nos metter pelos olhos noções intuitivas que se fixam, nitidamente, como revelações, no espirito, desapparelhado de theorias, de idéas preconcebidas, e avido de conhecer coisas de uma região quasi desconhecida, factos e phenomenos de uma sciencia afastada do alcance dos nossos meios de percepção.

Toda a gente pôde ler e entender essa bella e admiravel *These*: é o melhor encomio que se pôde fazer a um trabalho dessa ordem. Pôdem todos perceber que o joven medico, abandonando os processos banaes de cumprir um preceito academico, procurou no immenso campo da sciencia, que é a summa da mysteriosa sciencia da vida e da morte, em rapida progressão de conquistas effectivas, haurir uma contribuição valiosa para o estudo da pathologia indigena, como investigar o papel dos pneumococcus nas affecções pulmonares em fóco, e se ellas revestem o typo clinico das pneumonias dos climas frios.

Esse intuito foi brilhantemente alcançado, dando em resultado, não uma *these* vulgar, mas uma monographia curiosa, rica de substancia scientifica, de observações documentadas, que lhe dão precioso relevo e a recommendam á consulta dos estudiosos.

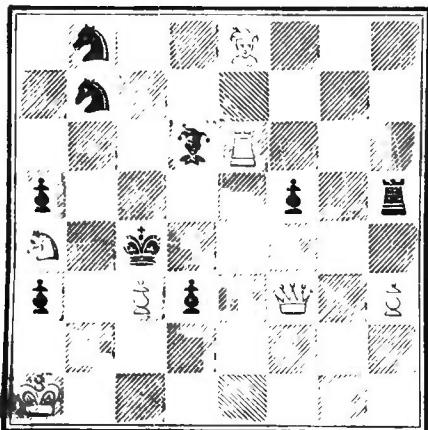
Seu trabalho assignala a victoria do brilhantissimo curso escolar do auctor, que, na phrase pittoresca do eminente mestre dr. Nuno de Andrada, é um soldado que se alista, cheio de condecorações honrosas, nas phalanges dos bemfeitores da humanidade.

D. O.

DIVERSÕES

Problema n. 21

PRETAS



BRANCAS

- As brancas jogam, e dão mate em tres lances.

A SALIVA E A CARIE DO DENTE

Os sectarios da doutrina absoluta que attribúe a origem chimica á carie do dente, admittem razoavelmente que

as reacções intra-bocaes dos elementos alimentares com a saliva, pôdem, si não produzir, ao menos facilitar a carie dentaria e sua progressão.

Os auctores que adoptam a origem microbiana, absolutistas tambem, admittem que essas reacções se dêem, bem que as attribúam a liquidos produzidos pelos microbios, abundantissimos do meio oral.

Admittindo que a saliva normal exerce papel preponderante como elemento preminente da carie dentaria, não implica a admissão de qualquer das doutrinas absolutistas de Parmlly e Magitot ou de Ficinus Klenche e outros; antes, ao contrario, admite-se a theoria bio-chimica relativa, que não attribúe nem exclusivamente a uma nem exclusivamente a outra.

Os bio-chimistas parecem predominar no actual estado da nossa sciencia.

Não vamos ao ponto de querer fazer predominar a idéa de que só a saliva tem a faculdade de premente da carie dentaria, não, as condições hygienicas do meio tambem o são; queremos apenas assignalar phenomenos naturaes, observados continuamente em clinica nossa e dos hospitaes, que nos levam a crer o assumpto de importancia de estudo minucioso para physiologistas e pathologistas.

Assim como as reacções acidas da saliva, etc., pôdem influir na manifestação da carie dentaria, augmentando sua marcha, ou mesmo como querem os chimistas produzindo-a tambem em estado opposto, deverá influir para evitar o surgimento da entidade morbida.

Seja que a morbidez não se manifeste pelo estado da saliva, evitando a acidez do mucus boccál, seja que pelo seu estado os microbios não encontrem bem-estar no meio boccál em pontos banhados por ella, assim emigrando, morrendo, ou paralisando sua acção, o que é verdade é que um simples golpe de vista, basta para nos convencer da magna importancia do assumpto.

Olhemos os individuos com que privamos e veremos, que os dentes antero-inferiores e postero-superiores são os que menos se estragam.

Os dentes postero-inferiores e os antero-superiores são os que se encontram mais vezes cariados, ou extraídos já.

Este facto é observado na nossa clientella propria e não passou despercebido, bem que incompletamente, a Paul Du Bois.

E' assim que esse auctor nos apresenta em um bem desenvolvido trabalho seu, uma estatistica em que a comparação numerica dos dentes falhos ou cariados superiores, com os subexistentes ou são dos inferiores, é

evidentemente prova do que avançamos sobre a influencia da saliva como preminente da carie, e até mesmo de algumas outras molestias dos dentes.

Eis um quadro que Du Bois nos apresenta em seu substancioso tratado da Carie Dentaria, colhido de observações feitas nos registros da clinica dentaria da Escola Dentaria de Pariz.

Eleva-se o total das extracções a 4.959 que o illustre mestre decompoz em cifras segundo o maxilar, o lado e, até mesmo, segundo os sexos.

TOTAL	150	203	232	475	1.615	954	678	4.959
Mulheres	84	117	142	341	257	836	440	2.571
Homens	66	86	90	311	218	779	514	2.388
Lado esquerdo	63	109	116	335	239	799	484	2.501
Lado direito	87	94	116	317	236	816	470	2.458
Maxilar inferior	22	44	60	208	196	890	614	2.305
Maxilar superior	128	159	172	444	279	755	340	2.594
	Inc. central	159	172	444	279	755	340	2.594
	Inc. lateral	159	172	444	279	755	340	2.594
	Canino	159	172	444	279	755	340	2.594
	1º premolar	159	172	444	279	755	340	2.594
	2º premolar	159	172	444	279	755	340	2.594
	1º gr. molar	159	172	444	279	755	340	2.594
	2º gr. molar	159	172	444	279	755	340	2.594
	3º gr. molar	159	172	444	279	755	340	2.594

Magitot, Black e Domez observaram a localisação da carie, segundo as raças e dentes, mas nenhum com tanta minudencia quanto Du Bois.

Depois de nos ter dito algo do assumpto, o eminente mestre deixou sem resposta uma observação que avança a responder.

Acceita a influencia da saliva como elemento da carie do dente, demonstrada por varios auctores e synthomaticamente observada pelos clinicos que fizeram uma estatistica como o fez Du Bois, podemos responder á pergunta do eminente mestre.

Não é verdadeiramente uma pergunta, é mais uma duvida que elle apresenta escusando-se talvez a acceitar a influencia preminente da saliva sobre a carie do dente.

Diz Paul du Bois, no seu livre «Thérapeutique de la carie dentaire»: la portion la plus declive de la bouche celle qui est la plus abondamment baignée par la salive, est donc la moins susceptible de carie. Il s'en suivrait que la quantité de salive est un facteur attenuant de l'acidité du mucus buccal. Cette remarque a frappé tous ceux qui se sont occupés de la questi-

on. Ce qui s'observe dans les pyrexies confirme la justesse de ce rapprochement.

Pour les molaires, l'ordre est inverse mais cela ne suffit pas a rétablir l'équilibre; les trois molaires donnent au total pour le haut 1412, et pour le bas 1835 extractions. Isto, porém, se explica. Si os dentes postero-superiores se cariam e se falham menos que os postero-inferiores e antero-superiores, contrariamente, á primeira vista, a opinião acceita do papel defensor da saliva é porque são irrigados pela saliva parotidiana immediatamente á saliva do canal de Stenon ao nivel dos 2^{os}. e 3^{os}. grossos molares superiores.

Essa saliva não pôde exercer o seu papel de defensora da carie nos dentes infero-posteriores, simplesmente porque escorrendo ao longo da bochecha, deverá descer até parte anterior do vestibulo, devido á posição normal da cabeça, que torna a cavidade oral um tanto oblíqua e os dentes infero-anteriores em linha mais baixa que os postero-inferiores.

É por essa razão mesma, que os dentes infero-posteriores se cariam mais que os postero-superiores, pois além de privados da saliva defensora devido á posição da cavidade da bocca, não são irrigados como os superiores, a saída do canal, de Stenon, nem são banhados constantemente como infero-anteriores pela saliva que permanece na bocca.

WALTER PEIXOTO.

A BATALHA DE MUKDEN

OS MAIS SANGUINOLENTOS COMBATES FORMIDAVEIS ADVERSARIOS

Os jornaes europeus trazem a impressão da terrível batalha de Mukden o mais sanguinolento encontro já mais registado nos sinistros annaes da guerra, um embate titanico de dois povos, de duas raças, resolvendo, talvez, um dos serios problemas do futuro da humanidade.

As noticias de origem russa, incertas ao principio, formuladas depois num tom de afflicção, terminam no acento de panico que váe devastando as energias do imperio moscovita, desde o palacio do czar ás humildes choupanas dos camponeses, despertando-os do fatalismo em que jaziam obsecados pela mais ferrenha ignorancia.

Kuropatkine annunciava reconhecimentos, escaramuças, suprezas nos postos avançados, um continuo movimento de forças esparsas nesse palpar frenetico de dois grandes exercitos em contacto, aguardando a suprema occasião das investidas precursoras da acção definitiva. Em todos

esses encontros insignificantes, elle assignalava victorias das armas russas, repellindo, sempre com vantagem, o incansavel adversario, que recuava derrotado para reaparecer mais compacto e mais terrível, para surgir de subito, inesperadamente, cada vez mais ameaçador, com recursos novos desconhecidos, numa insistencia atterradora, nessas luctas sem precedente pela importancia dos effectivos e pela extensão do campo de batalha.

A frente dos dois exercitos não cobria menos de 120 kilometros, entre os desfiladeiros de Ta-Ling, a léste, e o curso do Liáo, a oeste. Esses 120 kilometros apresentavam todas as variedades possiveis de terreno: na parte oriental, está a cadeia dos montes Ta-Ling, com as suas encostas abruptas, seus desfiladeiros de barreiras insuperaveis; no centro, o alto vale do Cha-Ho, estendendo-se entre collinas pouco elevadas, mas formando um terreno muito accidentado; ao oeste, entre o Cha-Ho o Hun-Ho e o Liáo, se desdobra a grande planicie mandchuriana, muito descoberta, como um bello campo de manobras.

Percebe-se, facilmente, a somma de intelligencia, de energia, de calma e sangue frio, que deveria ter um chefe para combinar, harmonisar, modificar, conforme os accidentes da batalha e a sorte das armas, as operações complicadas e melindrosas, que se realisavam num theatro tão extenso e tão variado. A iniciativa e o valor dos ajudantes de ordem assumem, em taes condições, uma importancia consideravel. Os generaes do marechal Oyama — Kuroki, Nodzú, Oku, Nogi, haviam feito as suas provas como tacticos de primeira ordem, disciplinados, executando, com precisão e pontualidades surprehendente, as manobras que lhes fôram confiadas, não commettendo, já mais, essas terríveis faltas, por indecisão, por confusão, por falsa apreciação, dos momentos rapidos e terríveis dos combates, nos quaes o menor desfalecimento, um erro insignificante, abrem falhas funestas nos planos de combate e sacrificam os resultados mais efficazes e seguros.

Os sub chefes de Kuropatkine não haviam, ainda, dado mostras completas de sua capacidade. Linievitch tem uma grande experiencia da guerra, supprindo a falta de preparo nas escolas do estado-maior; Kaulbars passa por um dos officiaes mais instruidos do exercito russo. Não se sabe, exactamente, quem commanda o segundo exercito, depois da partida de Gripenberg: si Milof, si Bildering. Em todo o caso, esses officiaes russos não pôdem ter a confiança e a iniciativa que dá uma série ininterrupta de victorias.

Assim, a extensão e a variedade do terreno, que tanto complicam e dificultam o trabalho dos generaes, constituíam verdadeiras vantagens para os japonezes.

Em contraposição, os russos tinham a superioridade numerica. Kuropatkine podia pôr em linha seis corpos siberianos e cinco corpos europeus, mais duas brigadas de caçadores, pelo menos, das divisões independentes. Esses effectivos, completos, representariam mais de 350.000 homens.

A artilharia alinhava mais de mil boccas de fogo, sendo 60 morteiros Engelhardt de 152 e de 120 m/m. A cavallaria dispunha de mais de 25.000 sabres.

Do exercito japonéz, em virtude da discreção inviolavel que tem mantido nos seus exercitos, do segredo impermeavel que abriga, como uma impenetravel muralha, todos os seus movimentos, as informações do estado-maior russo eram muito incertas e contradictorias; e, conforme ellas, Kuroki dispunha de 70 batalhões, 19 esquadões e 306 canhões; Nodzú tinha, sob suas ordens, 60 batalhões, 9 esquadões e 198 canhões; os exercitos de Nogi e Oku, combinados, consistiam em 98 batalhões, 23 esquadões e 342 boccas de fogo. A este effectivo, se deve accrescentar a artilharia pezada de campanha, da qual os japonezes fizeram excellente emprego no rio Yalú. Alguns despachos telegraphicos affirmaram que haviam intervindo nos ultimos bombardeios, grossos canhões de sitio de 280 m/m, cujo emprego, em campanha, parecia offerecer mais inconvenientes do que vantagens.

Pôde-se, portanto, calcular com muita probabilidade que as forças japonezas montavam ao total de 280.000 combatentes e 850 canhões.

Entraram em acção mais de 500.000 homens, algarismo que não foi egualado nas mais importantes guerras dos tempos modernos. Na batalha de Leipzig, a celebre batalha das nações, 180.000 francezes defrontaram 310.000 alliados.

No principio da batalha, as manobras japonezas não se accentuavam nitidamente; procuravam-se, em vão, determinar os traços principaes da lucta. Ao oeste, os corpos do exercito de Nogi e Oku manifestaram, a 28 de fevereiro, num movimento desbordante contra a ala direita russa; levaram de vencida as guardas avançadas inimigas e se estenderam até ao rio Liáo, sendo repellidos os contra ataques dos russos. No centro, a artilharia japoneza preparava, com actividade, o ataque á terrível colonia Putiloff, que constituia uma das mais energicas bases de resistencia de Kuropatkine. A léste, se feriam os principaes combates depois da occupação

de Tching-Ho-Tcheng, no dia 25 de fevereiro; as tropas de Kuroki haviam atacado os desfiladeiros de Gaontonling e de Ta-Ling, a 26 e 27 de fevereiro, sem resultado. Novos assaltos, dados a 1 de março, não haviam absolutamente fracassado. Era de esperar que a tenacidade infatigável dos japonezes insistisse na occupação definitiva dessas posições.

Apenas se empenhára a batalha na Mandchuria, corriam, em S. Petersburgo, boatos da derrota, os quaes encontraram echo nos proprios circuitos militares. E, no segundo dia da batalha, era geral, na Russia, a anciedade pelo desenlace do formidável duello. Para que ella não degenerasse em pânico, o czar publicou um manifesto appellando para o sangue frio, para a concordia, para a concentração nacional, uma commovedora profissão de fé nos destinos da santa Russia.

Mas, a partida estava mal iniciada para os russos.

Depois de uma série de ataques e resistencias heroicas, a situação da batalha se desenhou, nitida, em favor dos japonezes, e a retirada mais uma vez se autolhava como recurso extremo.

Para evitar esse sacrificio, alcançar uma grande victoria e conservar Mukden, seria preciso, além da tenacidade de que déram tantas provas os soldados de Kuropatkine, muita decisão e muita mobilidade de tropas exercitadas em manobras; mas o exercito russo jámais brilhou por essa qualidade, muito menos na guerra actual, ponto fraco que os japonezes conhecem perfeitamente, e é por isso que empregam contra o adversario, demasiado passivo, uma tactica perigosa em outras condições e admiravelmente adaptada ás circumstancias da lucha.

No dia 3 de março, a refréga attingira a suprema violencia; a resistencia dos russos era desesperada, apesar de combaterem, havia trez dias, sem comer. As linhas se juncavam de cadaveres, tingindo de sangue a néve, estendida, como uma sudario, sobre o campo: as perdas reciprocas chegavam a proporções assombrosas.

Seria um magnifico successo para os japonezes, forçarem os russos a evacuem a capital da Mandchuria, a cidade santa da dynastia chinesa; esse, porém, não era o principal objectivo de Oyama. O essencial de uma batalha não consiste em occupar uma posição, mas em desfechar no adversario um golpe decisivo.

O factor decisivo foi o movimento envolvente operado pelos corpos de Nodgi, com os veteranos de Porto Arthur, e de Oku com as suas tropas aguerridas. Esse movimento foi uma surpresa para os russos, que deviam estar já familiarisados com essa ta-

ctica. O general Nogi, com quatro divisões, conseguiu, com uma marcha rapida no valle de Liáo, chegar, quasi sem obstaculo, ao oeste de Mukden: lançar para o norte columnas de cavallaria, que ameaçaram a estrada para Tie-Ling. A ala direita russa cedeu, rapidamente. O corpo do general Oku, que ligava o de Nogi ao centro japonéz, aproveitou aquelle desfallecimento para avançar. E a 5 de março, o esforço dos 130.000 japonezes não soffrera interrupção, apesar da frequente entrada em combate de numerosas reservas russas.

No dia 7, a encarniçada lucha chegava ao delirio; as aldeias ao oeste de Mukden, estavam reduzidas a cinzas; os soldados russos collocavam em longas filas os cadaveres; cobriam-nos de terra, formando sinistras trincheiras. Nesse dia, quatro regimentos siberianos desembocaram ao noroeste de Mukden, em columnas de batalhão, com as suas musicas e entoando canticos; e, através da planicie devastada de granadas, sob o céu constellado pelos clarões do schrapnells, essa columna titanica avançou do sul para o norte, impassivel como numa parada, e immergiu, impavida, num inferno de fogo. A carnificina foi innenarravel; as perdas excediam ás de Liáo-Yang, ao ruido horrivel de um canhoneio incessante.

O movimento japonéz, de flanco, continuava, fatigando os russos, forçados a permanecerem na defensiva, durante seis dias.

No dia 8, o aspecto da batalha era inteiramente favoravel ás armas japonezas. Começou a retirada. Os corpos de Bildering e Linievitch evacuaram, na noite de 7 a 8, as linhas do Cha-Ho e os desfiladeiros dos montes Ta-Ling, defendidos, com successo, contra os ataques formidaveis de Nodzú e Kuroki. Kuropatkine não tinha outro recurso para evitar um desastre completo.

Fallaram todas as heroicas tentativas para romper a linha japoneza. O movimento envolvente de Nogi, um instante interrompido, no dia 6 de março, proseguira com redobrado vigor, e, no dia 7, a frente das columnas japonezas attingia, quasi, o camiinho de ferro ao norte de Mukden. A grande estrada de Tie-Ling, parallela ao camiinho de ferro e principal linha de retirada, estava seriamente ameaçada.

Despachos de Mukden não disfarçavam mais que as tropas russas começavam a esmorecer: haviam desenvolvido, durante oito dias, admiravel valor, em feitos d'armas, sacrificios heroicos, rivalisando com os mais bellos da historia militar; mas chega, fatalmente, a hora em que o soldado mais energico perde a confiança na victoria. O sentimento da derrota inevitavel se impunha com o desespero

de tantas provações inuteis: o exgotamento e o desanimo paralyam a coragem.

E essa crise nefasta se manifestou, no exercito russo, precisamente no momento em que a situação exigia novos e terriveis esforços.

A retirada! Esta palavra evocava a triste recordação de Liáo-Yang, a brilhante operação de Kuropatkine, escapando com 150.000 homens, sem abandonar ao inimigo um ferido, um canhão, uma carreta; mas as circumstancias eram muito differentes. A 4 de setembro, a maior parte do exercito japonéz estava separado do russo, apenas por trincheiras solidamente defendidas e pelo rio insuperavel. A retirada não podia ser inquietada sinão pelos 40.000 soldados de Kuroki, um punhado de homens exgottados por uma lucha formidavel, incapaz do menor esforço. Ao passo que, em Mukden, ao contrario, o movimento envolvente foi emprehendido pela maior parte do exercito do marechal Oyama. A extremidade da linha japoneza excedia, em mais de 30 kilometros, a maior parte do exercito russo, e destacamentos de cavallaria japoneza batiam o campo entre Mukden e Tie-Ling. Animados pela victoria, os *nippons*, anciosos de terminar a guerra por um golpe decisivo, empregavam enormes esforços para tirarem todo o partido possivel das circumstancias.

Foi nessas condições que se effectuou o movimento de recuo de... 300.000 homens, com milhares de feridos, comboios immensos, sem estações de parada durante o percurso de 70 kilometros.

Para sair com honra dessa horrivel emergencia, o generalissimo russo teve de desenvolver mais energia e decisão do que exigiria uma vigorosa offensiva. Mas foi sempre em circumstancias criticas que, até agóra, brilhou o talento de Kuropatkine, como si a este espirito indeciso fôsse indispensavel o incitamento do perigo.

A retirada foi desastrosa pelas perdas de vidas, pelo material de guerra abandonado ao inimigo e pelo numero de prisioneiros, tendo, como consequencia, noventa mil homens fóra de combate e a dispersão dos corpos para o norte em busca de Karbine ou de Kirim, numa indecisão angustiosa, perseguidos pelo inimigo em marchas assombrosas, que não traíam a fadiga de nove dias de combate incessante.

* * *

Em nosso numero seguinte, completaremos este aspecto geral da batalha, com os episodios homericos, que serão brilhantes licções de ensino militar.

O RETRATO

Ora, o artista, uma vez, na alva t ela, procura
Eternisar, pintando-a, a fragil formosura
De uma mulher, que adora. Exaltado, trabalha:
Sonha-a, traça, compara, estuda e pinta, espalha
Com as tintas, na t ela, inteira — a alma; derrama,
Febril, o coraçao, nas cores; e arde a chamma
Nellas (viva, elevando a imagem parte a parte)
Da Arte sagrando o Amor, do Amor inspirando a Arte.

Suavidades de flor abrindo,   aurora, o seio;
Coloridos de aurora ao sol, em casto enl io,
Fugindo e desejando-o; irisaes de sol
A gloria da manh  cantando no arrebol;
Desta a audacia de tons, quando, entre as nuvens, nasce,
— Estudou, para dar-lhe o colorido   face.
Poz-lhe, como expresso, em cada traço, uma alma
Que da propria arrancou; para pintar-lhe, calma,
A fixidez azul do olhar, copiou do c eo
O alto azul matinal, trav ez de cujo v eo
Desmaiam ( s manh s fugindo e as luzes dellas)
Os ultimos clares das ultimas estrellas.

E aos poucos, no painel, o artista, a imagem (cheia
Da vida que lhe d a, roubada   sua) alteia.

Eis a  bra acabada. O Eleito olha-a, sorrindo,
Della todo orgulhoso. Um horisonte infindo
A seu olhar esplende. A fama, al m, as azas
Desdobra, amplas, e v a; ao firmamento em brazas,
Leva-o, da eterna gloria. A fortuna deseja-o,
Thezouros a seus p s derrama, a varia. Beija-o
A sonhada ventura. Os reis abrem-lhe os paços,
As naes — os museus e as mulheres os braço.

E como que o retrato anima-se e palpita
Ante seus olhos; vive e sente; nuta e agita
O ouro da trança; a id a arde-lhe n' alma, clara;
V e falar e sorri; v e caminhar e p ra.

Leva-o, feliz; por m chegando, hesita: extranha
Duvida o tantalisa e em malhas d' aço o apanha;
Olha o retrato, fita-o, e ironias murmura;
Analysa-o, subtil, e a duvida o tortura;
Olha-o inda uma vez e aneia, e soffre, e grita:
— A minha amada   bella e esta apenas bonita.

Ella, por m, tomando-o, enleva-se a fital-o;
Sente-se nelle, inteira, e admira-o, que admiral-o
E' admirar a belleza e a graça de seu rosto.
Mas, contemplando-o a s s, a flamma de um desgosto
Crestou-lhe o riso ao labio; ao c eo dos olhos, brando,
Deu lampejos de raiva; e, convulsa, augmentando,
Queimou-lhe a face toda, os nervos percorreu,
Chegou ao coraçao, no coraçao cresceu.

O original compara e o retrato: — serena
A d r, que a dilacera e a inveja, que a envenena,
Nas m os abate a fronte e deste apparta a vista
Pois t o bella n o  , quanto a sonhou o artista.

LEAL DE SOUZA.

ESTERIL

Nescios affirmam que  s triste arvore sem fructos,
Que em teu corpo de esphinge ardente e m , os cardos
Transformam-se em rosaes de favos impollutos,
Dando-nos a maciez e a doçura dos nardos;

Que o teu labio   mordaz, f re com finos dardos
De amor, labio que pede os seus beijos pollutos,
Dizem mais que no azul vagam as almas dos bardos
Que te sugaram o collo em sensaes de brutos...

«Esteril!». Ao teu nome este insulto ajuntaram
E, no ardor do teu beijo, em paga de uma esmola,
Desdenham o teu affago, elles que t' o compraram!

Que te n o punja, emtanto, a insensatez burgueza!
N o creias que uma pompa assim, gloriosa, rola,
Nem que   esteril a carne aos peccados accessa!

FRANCISCO SERRA.

NOCTURNO

Emquanto, pelo c eo, num bur l recamado
De astros, a Noite v e   t a — passo a passo,
E o Oceano torturado

Braveja — a se bater de encontro   penedia,
Eu penso em ti, formosa, eu pens o em ti, Maria,
Em ti que me cedeste o arrimo de teu braço
Quando, extenuado e s , doridamente eu ia
Atr z de uma Chimera, atr z de uma Illus o,
Sem j mais encontrar piedoso coraçao,
— Uma alma de mulher divinamente b a
Que me quizesse, um d a ao menos, consolar
Com o sorriso, que absolve, e o gesto, que abenoa!
S  tu, vendo-me assim sobre cardos pizando,
Na garganta febril um soluço abafando,
Comprehendeste meu sonho e tentaste curar
A ancia que me dev ra o incontentado peito!
E ch ro recordando esse profundo olhar
— O olhar que me volveste em lagrimas desfeito,
Adorada Maria,
O' alma deste amor, desta melancolia!

RAYMUNDO MONTEIRO.

(Copacabana)